NOVELLAE OLIVARUM

ANO XVI NÚMERO 148 JANEIRO 1958

EPIFANIA — TEMPO DE «MISSÃO» — F. Micael 1

FILOSOFIA CRISTÃ E FILOSOFIAS CONTEMPORÂNEAS — P. H. Rosa 4

A IGREJA FALA-NOS DE ESCUTISMO — A. A. Ribeiro 9

PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO DA IGREJA DO SS. CORAÇÃO DE JESUS 17

O PONTIFÍCIO INSTITUTO PASTORAL DE ROMA 31

CRÓNICA — J. Policarpo 34

LIVROS NOVOS — M. F. 36

«Comunicamos aos Ex.mos Assinantes que, brevemente, procederemos à cobrança relativa ao ano de 1958.

Muito agradecíamos que esta nos fosse enviada directamente».

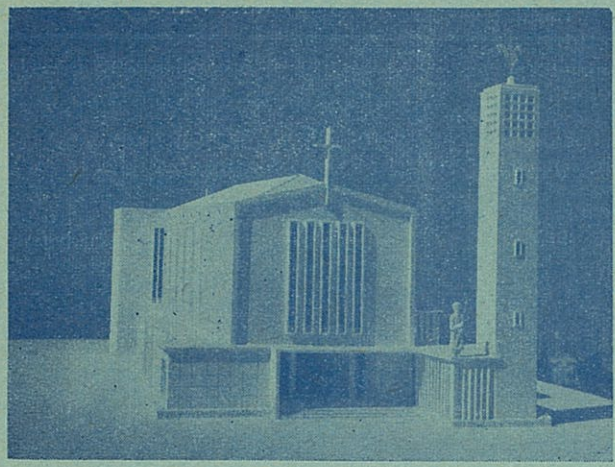
C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços.
Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

NOVELLAE OLIVARUM

Director — JOÃO RODRIGUES
Redactores — HELDER VERÍSSIMO FRANCO — MÁRIO FERREIRA BACALHAU
Administradores — CARLOS ALBERTO SIMÃO — ANTÓNIO HENRIQUE OLIVEIRA
Proprietário e editor — ANTÓNIO DE JESUS ESCUDEIRO

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Composição e impressão na Gráfica de Gouveia, Ld.ª — Gouveia — Telef. 13



A Igreja da Benedita uma referência dos nossos serviços técnicos. Maquete do edifício cuja construção foi executada pelo ilustre construtor

JÚLIO CISMEIRO

Rua Pedro Ivo n.º 1-1.º D. — LISBOA

'Challenge,

A marca preferida para a impermeabilização das placas de cobertura de Igrejas, Seminários e outros edifícios religiosos

Orçamentos grátis

Pedidos a:

V. T. MARTINS

Rua da Prata 59-3.º-E.
Telef. 23690

LISBOA

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 — B. Baixa-CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições
4 estrangeiras e 3 nacionais

União Gráfica

S. A. R. L.

Sede: Rua de Santa Marta, 48

LISBOA

Livraria — As últimas novidades literárias.

Tipografia — Execução perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

Editorial — Numerosas obras de grande interesse. Editora dos apreciados romances de *Nuno de Montemor*.

Objectos religiosos—O maior sortido, aos mais baixos preços.

Paramentaria—Confecção de paramentos que se impõem pela sua qualidade e esmerado acabamento.

Proprietária do diário *Novidades*, da revista de actualidades *Flama*, do semanário *A Guarda* e da publicação bi-mestral *Selecção Documental*.

Missal Romano

Para todos os dias do ano, com sacramentário e devocionário em papel bíblia contendo 1250 páginas.

Preços:

Encadernação em percalina — 40$00
« « pergamóide 60$00
chagrin c/ folhas douradas — 110$00

Pequeno Missal

Para domingos e festas, com sacramentário e devocionário.

Preço:

Encad. em muito boa percalina — 20$00

Novo Testamento

Traduzido do grego e anotado pelo Cónego Dr. José Falcão — 40$00

Pedidos à União de São João
Gráfica de Gouveia L.da - GOUVEIA

Casa Nun'Alvares

PORTO

626-Rua de Santa Catarina-630

Telefone - P. P. . { 23586 / 23587

ARTIGOS RELIGIOSOS
TIPOGRAFIA
OBJECTOS DE CULTO
LIVRARIA
PARAMENTOS

Enviam-se gratuitamente catálogos ilustrados com cerca de 300 desenhos e preços a quem os requisitar.



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

Vaticano

CASA RUVINA

Rua Formosa, 173 — PORTO

EPIFANIA — TEMPO DE "MISSÃO„

É a Liturgia a nossa vida em Igreja *da virtude de Religião. Vida social do culto do Corpo Místico, lida necessàriamente com realidades materiais, com factos e celebrações; delimita-se no tempo e no espaço. Deus realiza a Sua acção sacramental mediante a matéria, e nós falamos a Deus com palavras saídas da nossa boca também material. É que a Liturgia é uma expressão nossa, que portanto está sujeita às leis da expressão no nosso mundo. Está sujeita a ser limitada, definida, concreta. Comporta acções, tempos, fases sucessivas. É uma vida, que implica por um lado uma realização temporal, e por outro uma realidade que transcende o tempo.*

Daí a aparente distinção entre exterioridade litúrgica e vida litúrgica. Ao aparato de que os ritos se revestem, costuma contrapor-se a realidade que eles próprios exprimem. Não se pode pretender o espírito litúrgico sem a realização litúrgica, como se não pode ficar nesta, esquecendo o exercício da virtude de religião.

Enfim, apresenta-se-nos presentemente esta polaridade da Liturgia, esta oposição entre o espírito e matéria que tem durante os tempos balizado a evolução litúrgica. Ora nos aproximamos duma consideração exclusiva das formas litúrgicas, ora tendemos de preferência para uma procura da autenticidade dessas mesmas formas. Oscilamos entre uma renovação litúrgica fundamentada na história e uma adaptação à maneira de ser contemporânea.

Contudo, para além desta aparente e necessária oposição entre a expressão litúrgica e a vida que nela se exprime, está latente uma realidade profunda.

Sendo exercício da virtude de religião, a Liturgia será essencialmente contemplativa. Se atentarmos no conceito de contemplação, da nossa contemplação, de homens que vivemos no mundo de cada dia, havemos de verificar que ela se concretiza por ser a mais elevada actividade do espírito, mas de espírito que informa uma matéria.

Contemplar é estabelecer uma vida de circularidade entre quem contempla e a realidade contemplada. Contemplar, é dar e receber, é introduzir algo na nossa vida imanente, é conhecer e amar, é ir mesmo mais além, é a pouco e pouco irmo-nos transformando na realidade contemplada.

Mas não é só o nosso espírito quem contempla, somos nós de corpo e alma que nos projectamos com o mais íntimo do nosso ser, numa Realidade que está em nós e nos transcende. Contemplar é unirmo-nos inteiramente

a Deus. A contemplação é deste modo, por excelência, a palavra do amor, dum amor que nos apanha inteiramente e que nos entrega sem restrições. Contemplamos de corpo e alma.

Exercício da virtude da religião a liturgia faz-nos contemplar, isto é, entregar-nos de corpo e alma à Realidade Divina. Em termos já cristãos, diríamos que a Liturgia nos consagra a nós, membros do Corpo Místico, à vida trinitária. Consagra-nos e empenha-nos socialmente, na nossa qualidade de cristãos, de inseridos em Cristo. Consagra-nos à vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo não só com a nossa alma, mas com tudo o que somos.

Por isso a Liturgia aceita a temporalidade, a sucessão, a matéria, mas através dessa aceitação, transcente tudo o que é limitado e temporal para atingir a sua realidade profunda de palavra dita por Cristo, Cabeça da Igreja.

Em todas as épocas do ano, realiza os mistérios eucarísticos, síntese divina que inserida no tempo a ultrapassa. Cristo, que perenemente se oferece na Igreja pelos sacerdotes em sinais visíveis contém e ultrapassa os tempos e as idades. Esta imolação divina em que nós somos oferecidos, une esses tempos e idades, une toda a diversidade, sintetiza e consagra toda a Igreja. É a palavra dita por nós em Cristo, com a virtude de Cristo, Verbo de Deus que ao Pai se oferece.

Por isso toda a liturgia e mais ainda toda a vida cristã se concentram nos mistérios eucarísticos. A Eucaristia é uma imagem da vida da Igreja.

*

É esta uma das profundas realidades do Tempo depois da Epifania. Ele vive intensamente o mistério da «Missão» de Deus. Mais que a manifestação de Deus aos homens, a Epifania é o grande tempo da Missão. Missão do Verbo, Missão do Espírito Santo, missão dos homens.

A «missão» que recebemos da Igreja, missão de apostolado, de anunciação da vida divina, é participada das missões da própria vida trinitária. É o mistério da fecundidade divina, de um Deus que vive em doação, mais ainda, de um Deus que nos tornou participantes da plenitude da Sua vida de Amor.

É o Espírito Santo, a Pessoa enviada pelo Pai e pelo Filho, que dá forma à nossa vida cristã, que dá sentido à nossa entrega, que nos leva com a força do Seu Sopro.

Toda a manifestação de Deus está animada pelo mesmo Espírito que nos leva para Deus. Toda a vida é uma projecção nossa em Deus, projecção animada pelo Espírito de Deus. O Verbo incarnou para que nos tornássemos filhos adoptivos de Deus. O Espírito Santo foi enviado para vivificar a Igreja, comunidade de salvação inserida em Cristo. Nós somos enviados para a edificação do Corpo Místico de Cristo.

Deus vai estabelecendo pelas Suas Missões, em grau cada vez maior, a nossa vida na Sua Vida. Nós passamos a viver a vida trinitária, pela força de Deus que nos arrebata.

Para isso Deus se nos manifestou e manifesta. Por isso nós temos de manifestar Deus. A «missão» é a seiva espiritual que nos une uns aos outros e em Cristo nos entrega a Deus. É todo o mistério da pujança que vive, que é participada, que gera amor, que se apossa de todos os homens.

Deus é manifestado em todo o nosso ser, no nosso corpo e na nossa alma. Deus toma-nos de corpo e alma. Deus envia-nos como enviou Seu Filho; Deus envia-nos no Seu Filho.

É esta a Realeza Messiânica de Cristo, contemplada na Epifania. Realeza que mergulha as suas mais profundas raízes em cada um de nós, tornados pela Graça membros de Cristo.

Por isso disse atrás, que a Epifania é um tempo Eucarístico. Tempo de incorporação em Cristo, de união de todos os fiéis num só Corpo, de preparação para a vida da Glória. A perfeita união em Cristo é um princípio da realização perfeita do «Reino», na vida esplendorosa do Céu.

A Epifania é tempo de contemplação, mas de contemplação que vai até exigir tudo de nós próprios. Contemplação da Realeza de Deus, de Deus Incarnado. Ou seja, entrega plena a Deus Incarnado.

A contemplação da Realeza de Cristo, a vida em contemplação, torna efectiva essa mesma Realeza, faz dela a nossa vida.

O Ano Litúrgico celebra agora esta Realeza. Ela contudo vai para além da Liturgia; vai até ao fundo de toda a realidade e de todas as manifestações do Corpo Místico.

Viver a Epifania é manifestar Cristo em toda a vida, como Cristo se nos manifestou a nós. Viver a Epifania, é viver a nossa «missão» *divina.*

FERNANDO MICAEL

FILOSOFIA CRISTÃ E FILOSOFIAS CONTEMPORÂNEAS

III

A completar a superficialíssima visão do tema vasto que me foi dado evocar, um rápido apontamento sobre o modo como a si próprias se situam as filosofias contemporâneas em ordem à Fé.

Uma verificação nos salta de pronto aos olhos: «a filosofia actual chamou do exílio o problema de Deus, sente como é urgente e necessário pô-lo em termos especulativos, meditá-lo, vivê-lo», como escreve o Prof. Sciacca no seu livro «LE PROBLEME DE DIEU ET DE LA RELIGION DANS LA PHILOSOPHIE CONTEMPORAINE», após análise honesta e escruplosa do labor filosófico que se seguiu à primeira guerra mundial.

Isto parece dever-se principalmente ao facto de a investigação filosófica, cansada de ideologias puramente idealistas ou empiristas, num esforço notável por transcender estas posições, se haver voltado para dados mais próximos da vida,, tentando penetrar de claridade o homem todo, explorar-lhe até às raízes a vida espiritual.

Encaremos primeiro as filosofias actuais que recusam Deus e a Fé, nomeadamente o materialismo dialéctico ou marxismo e o existencialismo ateu (Sartre, Merleau-Ponty).

A crítica da religião e da metafísica feita pelo marxismo, que retoma e completa as de Feuerbach, conclui pela afirmação de que toda a concepção que, de uma ou de outra maneira, aceite um espírito como fonte das coisas é ideologia emanada da classe burguesa, condenada a desaparecer com ela.

O método de Feuerbach consistira em julgar da religião por critério pragmático: do facto de a religião lhe aparecer como contrária ao desenvolvimento pleno do homem concluía pela falsidade da atitude religiosa. Quis-lhe parecer que se impunha uma escolha — ou Deus ou o homem: «A questão da existência, ou da não-existência, de Deus é para mim a questão da não-existência, ou da existência, do homem». No mesmo sentido escreveria depois Marx: «o ateismo, pela não-existência de Deus, afirma a existência do homem».

No pensar dos referidos autores, o espírito religioso opera no homem uma dissociação, projectando as humanas qualidades — inteligência, energia, bondade — em Deus, afirmando, como lote dos humanos, imaginárias deficiências: fraqueza de espírito, impotência de querer, egoísmo de coração. Chegou-se, portanto, a uma «alienação» do ser humano. Impõe-se agora que se faça a «reapropriação» isto é, que o homem tome consciência do seu próprio carácter divino.

O esquema de Marx é este: o homem teria projectado num ser ideal, imaginário (Deus), negando-as a si próprio, as qualidades de ciência, poder e generosidade, constitutivas da essência humana; para acabar com esta despossessão de si mesmo, o homem nega Deus; recupera, por fim, a ideia de Deus para a aplicar a si próprio, numa reapropriação do seu ideal: «homo homini Deus».

E porque teria o homem realizado a tal «alienação» de si, que é a afirmação de Deus? Responde Marx: Porque uma má organização económico-social fez surgir, com a miséria, a consolação e compensação ilusórias que constituem a religião. A alienação religiosa nasce da alienação económica e, por sua vez, dialècticamente, contribui para que esta se mantenha.

Também o Sartrismo se apresenta como resoluto ateísmo, como recusa categórica de Deus. E pela mesma fundamenal razão: a apoteose do homem. Se Deus existisse, não existiria o homem; o homem existe; é, então, Deus quem não existe: esquema simplista, muitas vezes repetido na obra de Sartre, por forma vária. Aliás, continua Sartre, se Deus existisse o homem só O poderia odiar, visto que Deus seria para o homem «outrem» e relações com outrem não podem ser senão de oposição, de conflito, de luta. Pretende ainda Sartre mostrar contradição interna na própria ideia de Deus, Plenitude de ser, Plenitude de Consciência: Deus, a existir como plenitude de ser, seria necessária e totalmente «en-soi», pura identidade consigo mesmo, inconsciente portanto; a existir como Consciência plena, como «pour-soi», seria completa negação de positividade, portanto «nada» de ser.

Para Merleau-Ponty o caso é diferente, mas a perspectiva continua a mesma: nega-se Deus para se afirmar o homem. «A consciência morre, escreve, ao contacto com o Absoluto».

Que dizer destas posições?

É verdade que a miséria e a opressão podem, por vezes contribuir para a manutenção de crenças religiosas, por um fenómeno de compensação. Entretanto acontece também, e muito mais vezes, que tal situação produza o efeito contrário, trazendo quer ao miserável e oprimido quer àqueles a quem profundamene tal miséria escandaliza, ou a revolta contra Deus ou o desamor de práticas religiosas em virtude de inteira absorção na luta pela existência imediata.

Mas a religião tem raízes mais profundas que não dependem, de modo algum, de miséria material ou de sujeição social. Veio a religião de um Santo Agostinho, de um São Tomás de Aquino, de uma Santa Teresa de Ávila, de um São João de Brito, de um Pascal, de um Marconi, para me cingir à citação de meia dúzia de nomes, de miséria e sujeição?

Não estará, antes, o fundamento psicológico da religião na consciência que o homem toma da sua pequenez real, correlativamente ao apelo que sente em si para a Altura? Surpreende-se no coração do homem o desejo espantoso de íntima união com Deus, desejo que é a nascente das grandes correntes de contemplação mística, especialmente dentro do Cristianismo; há no homem a real aspiração a ser divinizado, a, de algum modo, se tornar infinito — aspiração que se reconhece, não apenas nas grandes almas religiosas, mas em numerosos filósofos, entre os quais os próprios que agora encaro — Hegel, Feuerbach, Marx, Sartre... Deste último pensador muitas

vezes se cita o passo famoso: «être homme c'est tendre à être Dieu; ou, si l'on préfere, l'homme est fondamentalement désir d'être Dieu».

E de nenhum modo, sublinha o Prof. Franz Grégoire, um cristão se admira de ver despertar-se em Hegel a paixão de chegar, em união com todos os espíritos humanos, a um *conhecimento* perfeito, *divino,* de todas as coisas; nem de encontrar em Feuerbach o desejo intenso de se integrar numa comunidade humana em que reinasse o *amor perfeito;* nem de ver surgir em Karl Marx a apaixonada aspiração a transformar, por uma espécie de *poder criador,* o universo visível, a humanizar-lhe a face, a fazer dele o dócil instrumentos de comunhão dos pensamentos e das generosidades humanas: todas estas formas complementares de divinização do homem constituem para o cristão a manifestação, desordenada, duma vocação autêntica, a expressão aberrante e monstruosamente optimista dum destino bem real.

Também se não admira um cristão de ver esse sonho gerar o seu contrário: o desespero sartrista, o desespero do homem feito para ser Deus e incapaz, por essência, de o realizar, do homem, pois, cuja existência não tem sentido, «paixão inútil», que está a mais na realidade.

O optimismo monstruoso do homem que quer que a humanidade seja pròpriamente Deus, e que crê este sonho realizável na terra e pelas simples forças da humanidade, dum lado — do outro, o pesimimo, monstruoso também, do homem que, dominado pelo mesmo sonho, o considera irrealizável sob todas as formas e em todos os sentidos, porque o vê, com razão, inteiramente fora do alcance das simples forças humanas.

O Cristianismo sabe que é Deus, e Deus só, Quem, gratuitamente, chama o homem a este destino e lhe faculta a realização dele, mediante colaboração humilde e generosa com o Seu dom, com a Graça.

Entretanto, nem por conceber o homem como beneficiário de dons gratuitos da Divindade, o Cristianismo constiui alienação. A religião só seria alienação se o homem pudesse bastar-se onticamente, existindo de per si, encontrando em si plena complacência, isto é, se o homem fosse Deus.

Mas o homem não é Deus. É totalmente criatura, totalmene dependente de Deus, vindo de Deus e para Deus orientado.

Para um ser totalmente relativo, o que constitui alienação, separação da sua natureza, é precisamente o não se aceitar como relativo, o tratar-se como se fora o Absoluto, o falhar o seu destino verdadeiro de ser relativo, trocado por destino fictício.

O destino real do homem é o de um ser totalmente referido a Deus, a Quem Deus concede participação pessoal na Sua própria intimidade divina, na medida possível a um ser que não é o próprio Deus. Realidade estruturalmente referida a Deus, o homem não se encontra a si mesmo e não «se torna quem é» senão abrindo-se a Deus que Se lhe dá.

Sartre declara contraditória a ideia mesma de Deus porque imagina o existir de Deus como o modo de existir humano elevado ao infinito. Se assim fora, teria razão. Mas Deus não é o homem tornado infinito. Aliás, no campo simplesmente humano, a oposição que a Metafísica sartrista afirma entre o «en-soi» e o «pour-soi», sobre não ser de aceitar, é inconciliável com a luminosa fenomenologia do próprio Sartre, como lùcidamente o mostra a crítica de De Waelhens.

Em resumo: para o marxismo, como para o existencialismo ateu, a Fé só é possível à custa do empobrecimento do homem. Quem queira ser homem em plenitude terá de rejeitá-la e combatê-la.

Ao contrário desta concepção, errada como procurei mostrar, aparece-nos a daqueles que vêem na Fé apelo vindo do Alto a que o homem se transcenda e, portanto, longe de negar-se, se torne mais homem na linha do autêntico valor.

E haveria primeiro que distinguir entre os que falam da Fé com simpatia e compreensão do seu altíssimo valor humano, mas de fora, como Bergson, por exemplo, que via nos místicos cristãos — e neles só — a plenitude da vida do espírito e aqueles que Dela falam por experiência interior, por a viverem. Lùcidamente atentos ao seu existir cristão, dão-nos conta de como a Fé lhes abre o entendimento e lhes purifica o coração, de como o ideal cristão corresponde de maneira maravilhosa a esse impulso para a Perfeição, à imensa necessidade de Amor, à, neste mundo, insaciável sede de Beatitude que os filósofos de todos os tempos reconheceram no homem. Teria, naturalmente, de desdobrar diante de vós as lúcidas e pertinentes descrições da Fé cristã que devemos ao «pensamento pensante» de um Blondel, de Jacques Maritain, de Romano Guardini, de Federico Sciacca, de Gabriel Marcel... e de tantos outros magníficos filósofos cristãos do nosso tempo. Não mo consente o tempo. Baste ter apontado, ao longo de todo este trabalho, algumas perspectivas. Urge concluir.

Após cinco séculos de tentativas sucessivas e variadíssimas para responder suficientemente aos problemas do mundo e do homem, a Filosofia ocidental tem de confessar que, «no limite das suas discussões e da sua extensão, encontra sempre algo que a condiciona e que a obriga a transcender-se; verifica que jamais pôde fornecer ao homem o equivalente da Fé; teve de reconhecer a sua incapacidade para resolver por si só o problema do destino humano, que é o da salvação e da beatitude do homem». Uma verdadeira filosofia conduz o homem para além da Filosofia.

Nos espíritos de hoje sente-se o desejo de transpor o fenomenal, de buscar o ser para além da aparência, de apurar o valor para além do facto, de encontrar no Absoluto a fundamentação do relativo.

Por outro lado, a filosofia de hoje tem mais nítida consciência de que esta busca há-de fazer na comunhão dos homens uns com os outros, na humildade que é acolhimento e respeito, e na pureza.

O filósofo cristão, reflectindo na história moderna, dá-se conta de que tudo se passa como se a marcha mais profunda da consciência ocidental houvesse sido transpor os temas essenciais do Cristianismo para um contexto simplesmente humano, privado de transcendência e de fé. É o caso de Espinosa, de Rousseau, de Hegel, de Marx, do próprio Sartre. A tarefa da Filosofia cristã, numa fidelidade criadora à Tradição, é salvar essas verdades cristãs — «enlouquecidas», como dizia Chesterton — que os últimos cinco séculos de antropocentrismo desfiguraram, e reconciliá-las com as verdades mais altas, desprezadas pelo mencionado humanismo antropocêntrico.

...Tarefa grandiosa que, entretanto, não amedronta a Filosofia cristã contemporânea, ao menos se dermos crédito a A. Forest que, citando a palavra de Péguy — «une grande philosophie n'est pas une philosophie sans reproche, c'est un philosophie

sans peur; une grande philosophie n'est pas celle contre laquelle il n'y a rien à dire, c'est celle qui a dit quelque chose» — afirmava:

«A Filosofia cristã de hoje aspira a ser uma filosofia sem nódoa; é, seguramente, uma filosofia sem medo. Neste nascer de tempos novos anima-a uma tranquila segurança, na consciência aguda das dificuldades que encontra, das tentações que deve evitar e da sua responsabilidade intelectual».

P. HONORATO ROSA

ARTIGOS RELIGIOSOS

PARA REVENDA E PROPAGANDA

Casa de S. José-Porto

(FUNDADA EM 1896)

168, RUA DAS FLORES, 170

TELEFONE: 22886

Visitai esta casa, apreciai o seu sortido e confrontai os seus preços!

Descontos especiais para as Missões Católicas

A IGREJA FALA-NOS DO ESCUTISMO

A Igreja, como sociedade salvífica, está atenta a todos os problemas que interessam ao homem; para que o espiritual se possa inserir em todos os planos de actividade humana, dá a palavra orientadora que aponta um rumo ou define uma posição.

A educação cristã integral da juventude, para que o homem se possa realizar no plano da perfeição, tem sido preocupação constante da Igreja.

Não é de admirar, portanto, que ao aparecer o Escutismo, que apresenta uma forma nova de realização do homem, a Igreja tomasse imediatamente contacto e insuflasse um pouco mais de espírito naquilo, que a olhos apenas curiosos, se apresentava como naturalista.

Os Papas viram, e com uma profundidade ainda não igualada, que o Escutismo vem fazer com que o rapaz se dê e isso obriga-o a ser. Essa irradiação vai ser uma autêntica descoberta porque começa aí a realização de homem integral que é formado segundo à sua própria natureza e ao mesmo tempo vai ajudando os outros a construirem-se a si próprios.

O Vigário de Cristo não quer outra coisa, senão a realização das palavras do Divino Mestre: «assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus» (1).

Não é mais que a Economia da salvação realizada pelo Verbo: ser no mundo dos homens, para que eles se descubram e se elevem.

Para o Escuteiro Católico, ou para o Católico que é Escuteiro, há uma mística que tem pontos de realização, de acordo com a sua ideologia. É o próprio fundador que o diz, quando os Escuteiros Católicos Ingleses, em 1925, foram a Roma celebrar o jubileu do Ano Santo. São as suas palavras: «quero que façais uma grande coisa, que é pelo vosso procedimento e boa conduta mostrar aos chefes da vossa Igreja em Roma, que, como escutas, não tendes dois senhores; mas que o vosso único Senhor é Deus e a vossa Igreja. Os vossos chefes escutas, são simplesmente os vossos irmãos mais velhos, que vos mostram a melhor maneira de cumprirdes o vosso dever, como bons católicos. Eu quero que vos lembreis disto, e que obedeçais à disciplina da vossa Igreja...» (2).

O fundador obrigou cada Escuteiro a seguir, com toda a seriedade, a sua religião.

A Igreja está no mundo para ser a portadora do mistério da salvação. Cristo continua no mundo numa presença vivificante. E o Vigário de Cristo continua a ser a Rocha, que está sempre atento a apontar o rumo de salvação.

---

(1) Mt. 5-16.

(2) Citado em «A Igreja e o Escutismo» — P. Ferreira da Silva, pág. XIV.

O Escutismo apareceu. Entusiasmou os jovens. Ajoelharam aos pés de Pedro e Pedro começou a definir o caminho.

Espíritos superficiais, viram um naturalismo a aparecer, mas a Igreja deu a palavra de entusiasmo e incitamento.

Desde Bento XV a Pio XII, os documentos são em número elevado. Não vou fazer uma análise de cada um deles, mas apenas apontar alguns pontos que interessam ao Escutismo Católico. Servimo-nos, para isso, do livro: «A Igreja e o Escutismo», selecção documental, organizada e traduzida pelo P.e Ferreira da Silva, Assistente Nacional Adjunto do Escutismo Católico Português.

Há muito que os Escuteiros Católicos ansiavam por uma compilação da palavra orientadora dos Papas. Ela apareceu e em boa hora.

Em todos os documentos, cartas ou discursos, vemos um conhecimento profundo do espírito Escuta.

COMO ESCUTEIROS TEMOS DEUS POR CHEFE

É o pensamento de Pio XI.

O fundador tinha acentuado: Deus acima de tudo e em primeiro lugar.

O P.e Forestier, diz-nos que era impressionante ouvir Baden-Powell falar de Deus. A sua voz tinha um tom comovente (3).

O Vigário de Cristo vem dizer aos Escuteiros Católicos qual o seu primeiro Senhor: «é preciso remontar a Deus, ó dilectos filhos, e não é concebível um escuteiro católico sem este pensamento que o ilumine e o acompanhe. Verdadeiramente é este um pensamento que deveria acompanhar qualquer homem e guiá-lo pelo trilho que de Deus vem e a Deus conduz. Mas um escuteiro católico que sabe que acima deste mundo visível há outro mundo invisível, no qual o que se vê é mero e pálido reflexo de uma beleza superior, não pode achar difícil remontar a Deus, trazer em toda a parte esse grande pensamento que ilumina a vida toda de uma luz maravilhosa» (4).

Quem no meio da natureza, obra de Deus Criador, passou alguns dias e noites, compreende e saboreia o pensamento do Papa. Sente-se a religiosidade no meio da grandeza da Criação. Há o ajudar constante a um perpétuo hino de adoração por todas as belezas criadas.

É afinal, o pensamento de Pio XII quando diz: «o Escutismo dá ao culto e ao serviço de Deus o lugar proeminente que lhe é devido, na vida do homem; e com isto mesmo dispõe o jovem a discernir em todo o objecto, em toda a virtude, em toda a beleza criada, o seu verdadeiro valor e esplendor, à luz do sol divino. Procurar, encontrar, saborear, magnificar a Deus, nas suas obras, ver toda a criação na luz que a ilumina, eis o que deve constituir o fundo da vossa vida de escuteiros» (5).

---

(3) Cfr. «Une Route de Liberté» — M. D. Forestier — ed. «Les presses d'Ile de France» pág. 24.

(4) Pio XI — Discurso à peregrinação internacional Escutista no Ano Santo. 6 de Setembro de 1925.

(5) Discurso aos Escuteiros Católicos Italianos em Castelgandolfo — 10 de Setembro de 1946.

NB.: Todas as citações de documentos pontifícios são tiradas de «A Igreja e o Escutismo» — P. Ferreira da Silva.

O ESCUTISMO COMO MÉTODO DE EDUCAÇÃO INSPIRA-SE NO CRISTIANISMO

Bento XV também falou do Escutismo; na carta que enviou ao Cardeal Secretário de Estado, em 1916, por ocasião da nomeação do primeiro Assistente Eclesiástico Central da Associação Escuteira Católica Italiana, Sua Santidade abençoa a nova Associação e diz que os princípios em que se inspira, são os divinos princípios (6).

Estes princípios divinos obrigam todo o Escuteiro a viver cada momento na intensidade e na seriedade cristãs: «O Escutismo quer levar ordem e recta medida à vida humana. Amor da natureza, sim, mas isento de fantasmagorias e de sentimentalismos malsãos. Também o divertimento, a excursão, os jogos, impõem aos escuteiros de per si, particulares deveres e responsabilidades, e devem ser apenas o complemento de uma forte e voluntariosa actividade, na escola, na officina, na profissão. As próprias férias, são o mero prémio de um ano de sério e regular trabalho» (7).

Para viver em intensidade, exige-se uma força de carácter, o espírito de lealdade, equilíbrio material e espiritual, para que seja possível, um avançar, um ir sempre além, sem desânimo, nem hesitações.

Estando assim despertos, o espírito saberá vencer o mal e realizarem-se com perfeição. São estas as virtudes que Pio XI aponta para o dia a dia do Escuta (8). Mas a virtude característica do Escuta que o mesmo Papa aponta é «a pureza, simbolizada no lírio, que eles sempre procuraram guardar zelosamente no santuário do seu coração e que, com o auxílio de Deus, prometeram conservar ilibada, mantendo-se puros de pensamentos, palavras e obras» (9). Estas palavras são a consagração definitiva do décimo artigo da lei Escuta.

TUDO O QUE INTERESSA AO HOMEM É UMA PREOCUPAÇÃO DO ESCUTA

Se olhássemos a vida tendo como única manifestação a actividade meramente exterior, a harmonia das diferentes partes para um conjunto harmonioso e belo, poderíamos ser utopistas se víssemos apenas a materialidade dum composto homogéneo, que, por ser composto, não pode ser encarado apenas dum aspecto, mas olhando o todo harmonioso: o material e o espiritual.

O Escutismo, como sistema que visa a elevação do homem total, portanto de todo o composto, tem que no seu sistema, para ser coerente e atingir o fim que se propõe, levantar o humano salvaguardando o espírito. Assim devem ser entendidos os artigos da lei, vistos do ponto de vista humano e elevados a uma luz mais alta pelo cristão. É este um dos pensamentos de Pio XI sobre o Escutismo. Diz mais: «sabemos o que os Escuteiros têm feito no interesse da vida cristã, da restauração

---

(6) Cfr. idem pág. 6.

(7) Pio XII — Discurso aos Escuteiros Católicos Italianos em Castelgandolfo em 10 de Setembro de 1946.

(8) Carta do Cardeal Secret. de Estado ao Comiss. Central A. E. C. I. sobre a supressão do Escutismo na Itália — 6 de Maio de 1928.

(9) Idem.

do pensamento e do sentimento cristão em todas as manifestações da vida privada e pública» (10).

Baden-Powell longe de tratar o corpo como inimigo, tratava-o como servo do espírito, em toda a sua frescura, com tudo o que ele é: corpo, espírito, coração.

O salmista vê a grandeza do homem e tem palavras de elevação: quem será o homem para que Tu, Senhor, te lembres dele? Fizeste-lo inferior a Ti, mas coroaste-lo de glória e de honra e deste-lhe o mando sobre as obras das Tuas mãos (11). Como diz Forestier: «a partir do sentimento desta dignidade poder-se-á ùtilmente fazer tomar consciência ao homem dos seus deveres para com Deus» (12). E assim que a Igreja entende.

Baden-Powell tem confiança no homem. E a Igreja faz sua a mesma orientação de doutrina, sem medo de naturalismo.

Forestier insiste: «os meios católicos tocados pelo renovamento tomista, que dá à natureza os seus valores positivos, e ao homem a sua unidade, não podiam deixar de acolher Baden-Powell com simpatia. Pensavam com Péguy: «não é suficiente abaixar o temporal para se elevar à categoria do eterno. Não basta escravizar a natureza para se elevar à categoria do eterno. Não basta desprezar o mundo para subir à categoria de Deus. Porque não têm a força (e a graça) de serem da natureza, crêem que são da graça» (13).

A Igreja acha que o movimento é de aconselhar, pois Pio XII afirma: o movimento escuta «se sàbiamente guiado, parece particularmente apto a formar no nosso tempo, com critérios tão novos e modernos como fiéis à melhor tradição educativa cristã, jovens mulheres de carácter franco e leal, de ânimo bom e sereno, de costumes simples e puros, de sentimentos nobres e gentis, de operosidade útil e viva, e sobretudo de espírito sinceramente religioso, capaz de haurir, na maravilhosa fonte da natureza, e não menos na insubstituível fonte da Revelação e da graça, fecundíssimas riquezas de sabedoria e de vida» (14).

Precisamente para que haja uma irradiação no Escuta, Pio XI diz o que é ser Escuteiro e quais as responsabilidades que daí lhe vêm: «Que significa Escuteiro? É um nome de organização e supõe alguma outra coisa que ele anuncia e precede. Escuteiro, ou explorador, quer, dizer reconhecer, ir buscar uma primeira notícia do país. Não há corpo de tropas, mesmo modesto, que não tenha os seus exploradores, encarregados dos primeiros reconhecimentos. Também Moisés, quando guiava o seu povo rumo à Terra Prometida, enviava na frente os Escuteiros ou exploradores para tomar informações do país. Assim, vós supondes todo um exército que vem atrás de vós. Sois os Escuteiros, os exploradores que lhes preparais o caminho, e os outros marcharão seguros sobre os vossos passos. A vossa qualidade significa que deveis ser primeiros entre os primeiros, os primeiros de todos». E mais adiante: «o vosso lugar,

---

(10) Discurso na Santa Missa por Ele celebrada em intenção de 2.000 Escuteiros de Roma — 10 de Junho de 1923.

(11) Cfr. Ps. 8.

(12) «Une Route de Liberté» pág. 291.

(13) Nota conjunta, N. R. F. pág. 180 — citado em «Une Route de liberté» — pág. 293.

(14) Carta de aprovação da Constituição da Associação Italiana das «guias» — 8 de Dezembro de 1944.

é, pois, primeiro entre os primeiros; e vós todos deveis estar entre os primeiros: primeiros na profissão da fé cristã, primeiros na santidade, primeiros na dignidade, primeiros na pureza, primeiros em todas as manifestações da vida cristã» ([15]).

FINS DO ESCUTISMO

São apresentados por Pio XII alguns fins e características do Escutismo. Diz que tem por missão formar caracteres fortes e cristãos como eram os dos antigos cavaleiros medievos. Acrescenta que as falanges de jovens deve educá-las o Escutismo na fidelidade para com Deus, na lealdade e na pureza, na simplicidade de costumes, dando-lhe assim em cada momento a responsabilidade das suas acções. Ainda vai mais longe dizendo que o método se apresenta muitíssimo apto para «formar genuínas consciências cristãs, o que o faz distinguir da mediocridade tão difundida no nosso tempo, e, chamando, com a boa acção quotidiana, a atenção do jovem para o ideal de servir ao próximo, ele cura um dos mais graves males da nossa época, que é o egoísmo; aproxima deles as classes mais dispersas e pela sua própria organização internacional, embora não esquecendo o justo amor da Pátria, promove em todos os povos o mútuo respeito e o recíproco sentido de fraternidade que o rapaz sente já vivo por natureza, e que o cristianismo eleva a virtude sobrenatural» ([16]).

Pio XI apontava que «o sentimento do dever catòlicamente concebido, a coragem do dever» são pontos que o Escutismo tem em vista ([17]).

O Vigário de Cristo não esconde a responsabilidade do Escuteiro Católico e diz o lugar que ocupam na Igreja: «na vossa família espiritual sois os juveníssimos, as esperanças generosas, florescentes, vigorosas, da geração futura, as esperanças da religião e da Igreja, como da família e da Pátria» ([18]).

Qual será a força interna que anima o Escutismo para que em tão poucos anos, ele se espalhe por todos os continentes e entusiasme tantos milhares de jovens?

É Sua Santidade Pio XII, quem dá a resposta: «o Escutismo desperta no jovem e põe em acção tudo o que é naturalmente nobre, bom, sadio, simplicidade de vida, amor da natureza e da Pátria, sentimento da honra, auto-disciplina, obediência, dedicação ao serviço dos outros, em espírito de fraternidade e de cavalaria» ([19]).

«Os valores que ele inculca, a honra, a lealdade, o espírito cavalheiresco e generoso de serviço do próximo — ao mesmo tempo que bem se adaptam à índole ardente do rapaz, formam um seguro fundamento natural sobre o qual fàcilmente se enxerta e se desenvolve a vida da graça. Justamente por este harmonioso encontro de ele-

---

([15]) Discurso aos Escuteiros Romanos na Festa de S. Jorge — 23 de Abril de 1922.

([16]) Carta aos Cardeais da Itália do Norte e ao Cardeal Lavitrano, sobre a reconstituição da Associação de Escuteiros Católicos Italianos — 25 de Junho de 1945.

([17]) Cfr. Discurso aos membros do Conselho Geral da A. E. C. I. — 15 de Janeiro de 1925.

([18]) Pio XI — Discurso à Peregrinação Internacional Escutista no Ano Santo — 6 de Setembro de 1925.

([19]) Discurso aos Escuteiros Católicos Italianos em Castelgandolfo — 10 de Setembro de 1946.

mentos, o natural e o sobrenatural, tem sucedido não poucas vocações sacerdotais e religiosas acharem na formação escutista o clima mais favorável ao seu desenvolvimento» (20).

ESPIRITUALIDADE ESCUTA

Toda esta orientação seguida pelo Escutismo cria no rapaz uma maneira de ser que o caracteriza. É o que afirma o P.e Doncoeur: «uma certa maneira de ser, é o que conservamos sempre do Escutismo: uma certa maneira jovem, viva, simples, alegre de viver. Um acentuado gosto pelo ar livre, pelo esforço; uma delicadeza, um gosto de servir... E isto em qualquer lugar. Sem orgulho é lícito ao Escuta levar para a sua vida de cristão, uma alegria que não tem nada de heróico, mas que deve agradar ao Nosso Pai que está nos Céus, porque ela é própria dos filhos» (21).

O espiritual para o Escuta não está levantado sobre um conjunto de: não posso fazer.

É Guy de Larigaudie que muitíssimo bem acentua: «uma religião negativa: não farás isto ou aquilo? De maneira nenhuma. Mas um amor de Deus, tão profundo e tão intenso, que esteja sempre connosco ao canto dos lábios e ao longo dos caminhos. Isto é positivo, e permite ter-nos alerta contra ventos e tempestades... A castidade é uma carga impossível e ridícula se tem por armadura apenas preceitos negativos. É possível e bela e enriquecedora se se apoia numa base positiva: o amor de Deus» (22).

Partindo deste amor de entrega e amor de serviço, se constrói toda a espiritualidade Escuta, com base na ascese. É Pio XII que o diz: «afastando as intenções de uma existência demasiado fácil, eles serão os primeiros nos caminhos evangélicos do desprendimento e da simplicidade de vida e, num mundo muitas vezes duro e egoista, darão provas dessa autêntica força moral que se revela na doçura e na bondade paciente para com todas as misérias da alma e do corpo» (23).

É na mesma linha a palavra do P. Forestier: «a ascese, inseparável de toda a espiritualidade, pratica-a o Escutismo com o seu matiz próprio, sem empregar a palavra que poderia ferir os jovens. Essa ascese está, por exemplo, na frugalidade e pobreza do campo, nos duros esforços das caminhadas, mesmo debaixo de intempéries, no dormir sobre a terra dura, na vida em comum e nas múltiplas ocasiões de caridade concreta que ela comporta» (24).

---

(20) Pio XII — Carta pelo 25.º Aniversário da morte do Conde Mário de Carpegna, fundador e chefe da A. E. C. I. — 3 de Novembro de 1949.

(21) «Cahiers du cercle Sainte» — Jehanne, 1932, n.º 1 — citado em «Une Route de liberté» — pág. 288.

(22) «Etoile au grand Large» — Ed. du Senil.

(23) Mensagem aos Escutas Católicos, acampados no Canadá, no «Jamboree» mundial — Vaticano — 28 de Julho de 1955.

(24) «Une Route de Liberté» pág. 294.

RESPONSABILIDADE DOS ESCUTEIROS CATÓLICOS NO CONTACTO COM OUTRAS CRENÇAS

É ainda Pio XII, quem define a posição do Escuteiro católico no meio da fraternidade Escuta: «Nas pegadas dos primeiros cristãos, dos quais os seus contemporâneos diziam: «vede como se amam», eles farão compreender a todos os que lhes não compartilham a fé qual é a fonte de tanta caridade verdadeira. Serviçais e bons para com todos, com coração virilmente puro e generoso, eles atrairão sobre uns e outros, pela sua oração e pela diginidade da sua vida, grande abundância de graças» ([25])

Nesses encontros, o Escuteiro católico tem que pôr toda a força do seu ânimo católico bem formado «que vê nos homens a imagem divina de Cristo e que para Cristo quereria conquistar todos» ([26]).

ASSISTENTES ECLESIÁSTICOS NO ESCUTISMO

O padre, em qualquer lugar em que se encontre tem que ser uma presença irradiante de Cristo.

O Assistente não é chefe; é um transmissor de uma vida cristã cheia de energia interior. É o formador e impulsionador duma piedade segura, que se manifesta na oração litúrgica e na frequência dos sacramentos.

Numa palavra compete-lhe tudo o que diz respeito «ao exercício do seu sagrado ministério» ([27]).

São só essas actividades e não outras. E não pensemos que é pouco. É isso só que o papa lhes pede e é a esses que assim procedem que ele dirige estas palavras: «queremos abençoar também de maneira particular, e certo de interpretar a vossa gratidão, todos esses ministros do Bom Deus, verdadeiros ministros da Redenção, esses padres que vos consagram uma parte tão preciosa da sua actividade, para não dizer toda a sua melhor actividade, para vos organizarem sempre melhor, para vos conduzirem, sempre mais avante, sempre a mais alto nessa bela pista» ([28]).

Os assistentes levarão os rapazes a olharem os outros cada vez mais esquecidos de si. Assim, vão-lhes fazendo sentir, e devem-lhes fazer sentir desde novos, a responsabilidade católica para com o outro. E neste olhar para fora há o apostolado do exemplo e da palavra.

Não é só a Acção Católica especializada que tem dever de apostolado. É Pio XII quem o afirma: «A Acção Católica não pode reivindicar o monopólio do aposto-

---

([25]) Carta Autógrafa ao Cónego Rupp capelão do Jamboree de Moison — 14 de Agosto de 1947.

NB.: Cónego Rup o actual bispo auxiliar de Paris.

([26]) Carta do Secret. de Est., por ocasião da 1.ª reunião Nacional da A. E. C. I. — 14 de Agosto de 1947.

([27]) Pio XII — Carta de Aprovação da Constituição da A. I. das «guias» — 8 de Dezembro de 1944.

([28]) Pio XI — Discurso aos Escuteiros e Guias de França por ocasião da peregrinação do ano Santo — 5 de Abril de 1934.

lado dos leigos, porque, ao lado dela, subsiste o apostolado leigo livre. Indivíduos ou grupos podem pôr-se à disposição da Hierarquia e ver-se confiar por ela, com duração fixa ou indeterminada, certas tarefas, para as quais recebem mandato» (29).

À voz do papa, e por mandato da hierarquia é preciso estar Alerta.

Cabe aos assistentes ajudar os rapazes a cumprirem aquilo que Pio XII, ainda este ano, em Agosto, falando aos Escutas Católicos acampados em Sutton Park, Inglaterra, no J. I. M. mundial lhes dizia: «Como vos convida a celebração solene do santo sacrifício da Missa, elevai o vosso ideal de Escutas Católicos, caros filhos, à altura das lições do Divino Mestre, que veio até nós para servir e para se dar. Sede audazes em desenvolver nas vossas almas as virtudes que amanhã vos farão cristãos convictos, dóceis aos seus pastores e tendo o sentido das responsabilidades cá na terra. Permanecei abertos às necessidades espirituais e materiais dos homens, sempre prontos a trabalhar pela causa da verdade, da justiça e da paz, que é, neste mundo, a mesma causa da Igreja de Cristo» (30).

A. ANTUNES RIBEIRO

---

(29) Discurso ao 2.º congresso para o Apostolado dos Leigos — Novidades 19 de Outubro de 1957.

(30) Journal Joubilee.

PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO

da Igreja Paroquial do SS. Coração de Jesus e de seus anexos

I — DADOS FUNDAMENTAIS

1 — Esta igreja destina-se a substituir a IGREJA PAROQUIAL DO SS. CORAÇÃO DE JESUS da rua de Santa Marta, que se verificou ser de tamanho insuficiente para a população da paróquia e não ter nem poder vir a ter os anexos considerados indispensáveis para uma actividade pastoral eficiente.

2 — Tratando-se de uma IGREJA, além da verdade e pureza próprias de uma arquitectura autêntica, deve caracterizar-se por um conjunto harmónico de qualidades que exprima, em linguagem pròpriamene arquitectural, mais do que pelo recurso ao simbolismo das formas ou das decorações, o CARÁCTER SAGRADO de edifício que, pela consagração ritual, é retirado dos usos profanos e destinado a usos exclusivamente sacros. Por outras palavras, tanto exterior como interiormente, deve impor-se ao sentir comum dos homens, não como um edifício «que também pode ser uma igreja», mas como um edifício «que não pode deixar de o ser».

Tratando-se de uma IGREJA CATÓLICA, não basta que seja uma obra de arquitectura sacra (como um templo, budista ou protestante), mas deve saber exprimir, na mesma linguagem arquitectural, o próprio conceito de igreja segundo a teologia católica, a saber: o de edifício onde o Povo de Deus se reune para a celebração eucarística, para a recepção dos sacramentos, para ouvir a proclamação da Palavra de Deus, para o culto da Presença Real e para se entregar colectiva ou individualmente à oração e devoções não litúrgicas. Em consequência, dela deve transparecer que se trata:

a) — dum lugar de reunião dos membros do Corpo Místico de Cristo (unidade do espaço destinado à assembleia dos fiéis);

b) — dum lugar onde se renova sacramentalmente o Sacrifício Redentor de Jesus Cristo (santuário dominado pela presença do altar, centro de convergência de todo o edifício sagrado);

c) — dum lugar de mediação entre Deus e os homens (santuário e espaço dos fiéis articulados sem distâncias que separem nem proximidades que nivelem);

d) — dum lugar onde os fiéis vão receber os meios de santificação (valorização dos espaços destinados à administração dos diversos sacramentos e condicionamento técnico e ambiencial para a pregação);

e) — dum lugar que favorece a piedade dos fiéis (ambiente de respeitosa e suave intimidade resultante do equilíbrio entre os valores arquitectónicos que exprimem a transcendência de Deus e a humanidade da sua Incarnação).

Tratando-se de uma IGREJA PAROQUIAL, exige-se-lhe, particularmente, uma

perfeita ADEQUAÇÃO dos espaços e da sua disposição relativa ÀS FUNÇÕES LITÚRGICAS E PASTORAIS próprias duma sede de paróquia. Será por isso dotada de um CENTRO PAROQUIAL concebido em ordem à educação do sentido comunitário e apostólico dos paroquianos e à organização duma pastoral adaptada e eficiente.

3 — Pretendendo-se uma IGREJA MODERNA, no sentido de que se destina ao Povo de Deus dos nossos dias, ela deve responder às mais nobres necessidades e aspirações dos homens do nosso tempo: «desejo imperioso de vida comunitária; ânsia de verdade e autenticidade; desejo de passar do superficial ao que é central e essencial; ambição de clareza, luminosidade e visibilidade; veemente anelo de silêncio e paz, de calor e segurança» (1).

4 — Tera como TITULAR o SS. CORAÇÃO DE JESUS, a cuja devoção está intimamente ligada a piedade eucarística, tradicional nesta paróquia particularmente sob a forma de exposição solene do SS. Sacramento durante todo o dia de sexta-feira de cada semana. Daqui resulta que se deve:

a) — prever a realização frequente de exposições solenes do SS. Sacramento;

b) — criar um ambiente de intimidade e recolhimento incompatível com a frieza de linhas, a dispersão de volumes, a euforia de cores e os ruídos da rua;

c) — dar ao santuário um carácter particularmente acolhedor, evitando um distanciamento qce contrarie a piedade eucarística e nomeadamente a devoção da visita ao SS. Sacramento;

d) — inspirar a decoração na doutrina da devoção ao Sagrado Coração de Jesus exposta nomeadamente na encíclica «Haurietis aquas in gaudio» de Pio XII (2), sem prejuízo do disposto no número 56.

5 — LOCALIZA-SE no quarteirão entre a rua Camilo Castelo Branco e a rua de Santa Marta, a pouca distância da praça Marquês de Pombal, um dos pontos mais centrais e de maior movimento de Lisboa (3). Não é difícil prever que a nova igreja venha a ser frequentada por uma população cosmopolita do tipo da que frequenta actualmente a igreja de São Domingos na Baixa, somando-se, porém, a uma população paroquial própria bastante numerosa. Daqui se infere a necessidade:

a) — de dar dimensões suficientes à igreja;

---

(1) — Vide o Directório para a Construção de Igrejas na Alemanha, n.º 6. Tradução in «Novellae Olivarum». n.º 121, Jan. 1955 pág. 2; e in «Ora et Labora», 1955, n.º 2, pág. 94.

(2) — Sugerem-se como temas: a) — as manifestações mais expressivas da caridade de Cristo durante a sua vida mortal: milagres como o das bodas de Caná, o da ressurreição do filho da viúva de Naím ou a de Lázaro; conversas íntimas com almas tais como a Samaritana ou Maria de Betânia; compaixão pelas multidões (Mc. 3,2; Mt. 23,37; Luc. 23, 28-31); parábolas como a do filho pródigo ou da ovelha desgarrada. b) — os dons maiores do Coração de Jesus aos homens: Eucaristia (Sacrifício e Sacramento), sua Mãe, a Igreja, a Graça dos Sacramentos, o Espírito Santo e os seus dons. (Cf. encíclica, ed. da União Gráfica, Lisboa, 1956).

(3) — A praça Marquês de Pombal será no futuro um dos mais importantes nós de ligação dos transportes urbanos de Lisboa (cruzamento de três linhas de metropolitano, término de várias carreiras de eléctricos e ponto de irradiação ou passagem de muitas linhas de autocarros). O seu futuro arranjo, com a construção de importantes edifícios comerciais, acelerará a invasão da zona pelo comércio e serviços. Notar também a existência de numerosos e grandes hoteis. Por outro lado, a igreja ficará implantada em local particularmente sossegado pelo facto de as das ruas que a limitam serem de trânsito de automóvel reduzido.

b) — de atender à população cosmopolita que se prevê a venha a frequentar, nomeadamente no que diz respeito ao número de altares para missas privadas, ao número de confessionários e às exigências duma pastoral à base da pregação;

c) — de, sem prejuízo da unidade de todo o Centro Paroquial e da ligação dos diversos serviços paroquiais com a igreja, garantir uma certa separação de acessos aos anexos para que os serviços paroquiais não fiquem prejudicados pelo facto da igreja vir a ser frequentada por uma população não paroquial em percentagem que se prevê notável.

6 — A POPULAÇÃO DA PARÓQUIA, mesmo depois da redução de área prevista, ficará sendo da ordem das 20.000 almas. Trata-se de uma população em grande parte de nível social elevado (4).

7 — A excelente localização da igreja, dentro das possibilidades do terreno e dos recursos financeiros, convida a ir ao encontro da necessidade que se faz sentir em Lisboa de um salão para sessões culturais e de lugares para reuniões e recolecções. Daí a conveniência de dotar o Centro Paroquial de instalações em tamanho e número superiores aos estrictamente exigidos pelas necessidades da paróquia.

8 — A IMPLANTAÇÃO da igreja e dos seus anexos está sujeita às dimensões do terreno e a todos os condicionamentos que sobre ele impedem, de acordo com o que se contém em documento àparte.

9 — Deve tomar-se como BASE ORÇAMENTAL a quantia de 10.000.000$00 (dez milhões de escudos) a qual não deve, em caso algum, ser excedida. Nesta quantia se devem incluir todos os gastos a fazer com a igreja e seus anexos, nomeadamente com o projecto, com as fundações, materiais, mão de obra e direcção técnica, instalações (eléctrica, sonora, de água, gás, esgotos), decoração (incluindo as imagens), e mobiliário litúrgico da igreja (altares com os respectivos sacrários, cruzes e castiçais, candelabro para o círio pascal, ambões, confessionários, pia baptismal, bancos da igreja e capelas, e órgão). A percentagem a atribuir à decoração poderá ir até 5 % da verba total da obra.

II — IGREJA

Acesso

10 — O ACESSO À IGREJA deve fazer-se por uma larga entrada principal. Uma zona de aclimatação, constituída pelo adro e por um pórtico ou vestíbulo, fará a preparação psicológica dos fiéis em ordem à transição do bulício da rua para o recolhimento do lugar sagrado.

11 — No vestíbulo ou pórtico de entrada haverá quadros (placards) para afixação de avisos, proclamas e anúncios, situados em lugar de passagem mas de forma que os leitores não impeçam a fácil circulação dos fiéis que entram ou saiem. A área útil destes quadros não deve ser inferior a 5 m².

12 — Convém que, perto da entrada, haja um cubículo destinado a informações

(4) — A região de habitat mais humilde fica na encosta que vai da rua de Santa Marta ao Hospital dos Capuchos. Esta região vai ser em parte remodelada.

e venda de livros, revistas e objectos religiosos, dotado dos escaparates respectivos. (V. n.º 77).

13 — Já dentro da igreja, mas junto à porta ou portas de entrada, haverá uma ou várias PIAS DE ÁGUA BENTA que, pelo material ou forma, devem sugerir a pia baptismal, visto que o tomar água benta à entrada da igreja é uma evocação do Baptismo que nos introduz na Igreja. O material das pias deverá ser quìmicamente resistente à água salgada e fàcilmente lavável.

Espaço destinado à assembleia

14 — A igreja DEVERÁ COMPORTAR cerca de 1.000 (mil) pessoas sentadas em bancos distanciados de 1,00 a 1,05 metros à razão de 0,5^{m2} por pessoa, e mais outras tantas de pé, à razão de 6 a 8 por metro quadrado, nos dias de grande afluência.

15 — Na hipótese de se colocar parte dos bancos num balcão ou coro situado em plano superior, é indispensável atenuar o mais possível: 1.º, a divisão da assembleia em duas (5); 2.º, a dificuldade de acesso quer a esses lugares para quem os queira ocupar, quer à mesa da comunhão para quem os ocupe.

16 — A estrutura da igreja deve ser estudada de forma que o altar-mor seja visível de toda a área destinada à assembleia dos fiéis.

17 — Os bancos devem dispor-se de modo a haver uma coxia central e as passagens necessárias para a entrada processional dos ministros sagrados nas missas e ofícios solenes (6).

18 — Na área destinada à assembleia, próximo do santuário, deve prever-se um espaço discreto para o grupo de cantores (cerca de 20 em torno da consola do órgão) que, segundo as prescrições recordadas na encíclica «Musicae sacrae disciplina», deve estar fora da balaustrada e ser exclusivamente destinado aos cantores.

Santuário

19 — O SANTUÁRIO, isto é, o espaço envolvente do altar-mor, pela sua elevação topográfica, pelo seu volume, pela sua iluminação e pela sua decoração, deve pôr em relevo o altar-mor que será o centro de convergência da igreja.

20 — Embora distinguindo-se do espaço destinado à assembleia dos fiéis, o santuário não deve estar separado dele mas, pelo contrário, ligado a ele pela mesa da comunhão.

---

(5) — A existência do balcão tem ainda a desvantagem de dificultar a cerimónia do «Asperges» tal como se descreve no n.º 41. Pode, no entanto, facilitar a reunião de toda a assembleia dos fiéis mais perto do altar. Poderá mesmo ser o único recurso para resolver o problema da falta de espaço disponível.

(6) — Os bancos devem ser desenhados de modo que os fiéis neles possam tomar còmodamente as posições rituais: de pé, de joelhos e sentada. Terão encosto mas não serão estofados. Para facilitar a entrada e saída não serão demasiado compridos (6 m, o máximo). Serão inamovíveis e desenhados de forma a facilitar a limpeza do chão. A coxia central deverá ter uma largura compreendida entre 1,80 e 2,00 m.

21 — O santuário, exclusivamente acessível ao clero, deve ter as dimensões necessárias para que nele se possam desenrolar as funções solenes (7) e suficientes para criar o ambiente de transcendência que convém a este recinto; mas não deve ser demasiado grande, não só pela escassez do espaço disponível, mas também para evitar a distância excessiva entre o altar e os fiéis.

22 — O ALTAR-MOR, colocado a meio do santuário, num plano elevado acessível por um número ímpar de degraus (1 ou 3), será de pedra natural e concebido de modo a poder ser consagrado (8). Nele ficará o sacrário para a guarda habitual da sagrada Reserva.

23 — Embora se preveja que a celebração da missa se faça habitualmente de costas para o povo, o altar-mor deve ser concebido de forma a permitir a celebração eventual «versus populum». Daí a necessidade de o situar convenientemente e de dar ao supedâneo , em toda a volta, as dimensões suficientes.

24 — O SACRÁRIO, de material nobre e execução cuidada, deverá ter capacidade para conter pelos menos três píxides, das quais a maior com 0,22 m de altura e 0.20 m de diâmetro (9).

25 — A CRUZ, com a imagem de Cristo crucificado voltada para o celebrante, como objecto mais importante ligado ao altar, deverá ser tratada com particular cuidado. As suas dimensões deverão ser proporcionadas com as do altar (10).

---

(7) — Para o desenrolar normal das cerimónias litúrgicas julga-se suficiente um «plano» que se prolongue 2,50 m para a frente e para cada um dos lados do (primeiro) degrau de acesso ao supedâneo.

(8) — O altar não deverá ter banqueta. Dimensões: altura, 0,90 a 0,95 m do plano do supedâneo ao plano da mesa; distância horizontal livre de boca do sacrário ao bordo do altar, 0,50 a 0,60. O supedâneo deverá ter uma largura (à frente e atrás do altar) contada a partir da vertical da mesa do altar, de 1,20 m, e deve sobressair dos lados 0,60. Os degraus de acesso ao santuário e ao altar deverão ser suaves, com uma largura de 0,13-0,15.

Para que um altar possa ser consagrado, deve ser de pedra natural não friável pelo menos a mesa, os suportes e a parte da base onde estes se apoiam. A mesa deve ser de uma peça única. No tampo da mesa devem gravar-se cinco cruzes, uma ao centro e as outras nos quatro cantos; no meio ficará o sepulcro ou pequena câmara para as relíquias que será cimentada com uma tampa de pedra no momento da consagração. No paramento anterior do altar, ou pelo menos no bordo anterior da respectiva mesa, deverá gravar-se outra cruz.

(9) — De acordo com as prescrições canónicas, o sacrário deverá ser de construção sólida (tipo cofre), inamovìvelmente fixado a meio do altar, com fecho seguro. Interiormente será dourado ou forrado de seda; exteriormente será coberto com um pavilhão fàcilmente removível cuja forma e colocação não deve dificultar a abertura da respectiva porta. Deverá permitir a exposição simples do SS. Sacramento à boca do sacrário. A porta deverá poder abrir-se sem ter de retirar de cima do corporal o cálice e as píxides que sobre ele estiverem; para isso se recomenda a solução da porta com dois batentes conjugados de modo que ambos se abram simultâneamente com uma simples operação da mão direita. Entre o plano da mesa do altar e o bordo inferior dos batentes deve haver uma distância mínima de 3 cm para que, ao abrirem, não impliquem com as toalhas e corporal que revestem o altar.

(10) — A cruz não tem necessàriamente que estar assente sobre o altar. Deve ser fàcilmente removìvel. A sua remoção deve fazer-se sempre que se faz a exposição solene do SS. Sacramento, portanto com bastante frequência. Não convém que seja suspensa, para não dificultar ou tornar espectacular esta operação. Sugere-se que seja de madeira (embora o cristo possa ser de outro material), não só pelo simbolismo mas também para que não seja demasiado pesada.

26 — Para a EXPOSIÇÃO SOLENE DO SS. SACRAMENTO deve prever-se um dispositivo adequado que satisfaça às seguintes condições:

a) — que seja digno da função a que se destina (11);

b) — que seja ou se possa tornar suficientemente discreto para não tirar o relevo ao altar fora do tempo da exposição;

c) — que permita ao ministro sagrado fazer fácil e discretamente a exposição e a reposição;

d) — que, pela situação e concepção, torne patente a sua ligação com o altar, exprimindo-se assim a relação íntima entre a Eucaristia-sacramento e a Eucaristia-sacrifício.

27 — A MESA DA COMUNHÃO, que fará a separação e ao mesmo tempo a ligação do santuário com o espaço destinado à assembleia, deverá ter o desenvolvimento em comprimento de pelo menos 10 metros, para que possam dar a comunhão simultâneamente 3 ou 4 sacerdotes (12).

28 — Dois AMBÕES, uma para a proclamação solene do evangelho (13) e outro para o canto da epístola, devem situar-se no limiar do santuário, avançados para a assembleia. Os ambões devem revestir-se duma certa monumentalidade. O do evangelho, que também servirá para a pregação, deverá ter maior relevo. Prever instalação de som.

29 — No santuário prever ainda a colocação do CANDELABRO DO CÍRIO PASCAL (13), do LAMPADÁRIO (14), dos bancos, sem encosto, para os ministros sagrados e acólitos da missa solene, cadeirais para o clero e das CREDÊNCIAS (15).

Altares secundários

30 — Em ligação com o corpo da igreja haverá um altar dedicado à Virgem Mãe de Deus, e mais quatro altares para missas privadas.

31 — O altar da Virgem Mãe de Deus deverá ficar numa CAPELA LATERAL com capacidade para cerca de 100 pessoas sentadas. Sem prejuízo do relevo singular do altar-mor e do enquadramento discreto que convém dar aos altares secundários,

---

(11) — Prever a forma de colocar 18 velas (pelo menos) e flores ornamentais.

(12) — A altura da mesa da comunhão deve ser pequena (0,60 a 0,70 m). Deverá ser coberta com uma toalha, de acordo com as prescrições litúrgicas. Será precedida de um só degrau para facilitar a genuflexão dos comungantes. O corredor para a circulação dos ministros sagrados que distribuem a comunhão não deverá ter menos de 0,70 m de largo.

(13) — De acordo com uma tradição, o candelabro do círio pascal deve ser de grandes dimensões e nobremente decorado. Deve articular-se com o ambão do evangelho. Apesar da sua monumentalidade, deve poder transportar-se todos os anos, no fim do Templo Pascal, para o baptistério, de acordo com o que se dispõe no n.º 45.

(14) — O lampadário, com 1, 3 ou 5 luzes, deve manter-se ininterruptamente aceso diante do SS. Sacramento com o fogo benzido na Vigília Pascal. Nele o acólito deve buscar o fogo para acender as velas do altar, de forma que a mesma chama pascal ilumine todo o ano o santuário. Para isso o lampadário deve estar em local e disposição fàcilmente acessíveis. Embora as rúbricas falem do lampadário diante do altar (e lògicamente portanto suspenso do tecto), o uso permite outra localização, com a condição de ser bem visível de toda a igreja.

(15) — As credências deverão ter cerca de 0,50 m² de área, cada.

deverá poder ser visível da assembleia. Nele se celebrará a missa da comunidade quando o altar-mor estiver impedido pela exposição solene do SS. Sacramento. Nele se colocará provàvelmente a sagrada Reserva em Quinta-Feira Santa. Terá sacrário.

32 — OS ALTARES SECUNDÁRIOS deverão ficar situados discretamente para que as missas privadas que neles se celebrem não prejudiquem a atenção que a assembleia deve prestar ao que se passa no altar-mor. Cada um deles disporá de um pequeno recinto privado de tamanho diverso onde pequenas comunidades (de 10 a 30 pessoas) possam assistir às missas neles celebradas. (V. nota 18).

Via Sacra e culto dos Santos

33. — Para a devoção individual ou colectiva da VIA SACRA, dispor-se-ão 14 cruzes de madeira em toda a volta da igreja. Podem ilustrá-las discretas representações plásticas dos diversos passos da Via Sacra ([16]).

34. — O CULTO DOS SANTOS, nomeadamente sob a forma tradicional na Igreja Católica do culto relativo das respectivas imagens, será prudentemente fomentado entre os fiéis com a presença de imagens que inspirem uma sã devoção. Estas imagens não se destinam meramente nem primàriamente à ornamentação da igreja, mas são autênticos objectos de culto. Daí a necessidade de que, sem prejuízo do seu valor artístico, possam ser compreendidos pelos fiéis e neles possam despertar os sentimentos duma devoção autêntica.

35. — Prever os dispositivos necessários para que os fiéis possam prestar culto aos santos sob as formas tradicionais da esmola ([17]), da colocação de velas e flores e da oração diante das suas imagens.

36. — Atendendo à hierarquia dos cultos e das devoções, e nomeadamente ao carácter secundário do culto dos santos e mesmo da Santíssima Virgem em relação ao culto eucarístico, convém colocar as imagens em lugares relativamente discretos, embora condignos. Não devem colocar-se sobre os altares mas em nichos ou espaços próprios. Prever os dispositivos para as velar de roxo no tempo da Paixão.

37. — Devem prever-se as seguintes IMAGENS: uma da Santíssima Virgem, com o Menino colocado junto ao altar respectivo, e mais cerca de 8, entre as quais: um conjunto dos Santos Apóstolos, um conjunto da Família de Betânia (S. Lázaro, Santa Maria e Santa Marta) e Santo António.

38. — Deixa-se ao engenho arquitecto resolver o problema da colocação, em lugar de relevo conveniente, da imagem do SS. Coração de Jesus, titular da igreja e patrono da paróquia.

([16]) — As cruzes deverão ser numeradas. Sugere-se que, no chão, em frente de cada cruz, estejam implantadas umas lages tendo gravados símbolos evocando o espírito de cada estação (Cf. «L'Art Sacré», n.º de Maio-Junho de 1955, pág. 17). No caso de se juntarem imagens às cruzes, deve evitar-se tomá-las como elementos decorativos básicos da igreja, ou dar-lhes relevo incompatível com o carácter secundário desta devoção. Em qualquer caso, respeitar o disposto no n.º 56.

([17]) — As caixas de esmolas poderão ficar ou perto das imagens ou todas reunidas em um ou dois grupos convenientemente localizados.

Órgão

Prever, em lugar conveniente, a instalação de um ÓRGÃO. Independentemente da sua natureza, convém que tenha comando eléctrico para que a consola se possa colocar no espaço destinado aos cantores (Cf. n.º 18).

Confessionários

40 — Na previsão de grande movimento de confissões, contar com seis CONFESSIONÁROS, e ainda com mais um especialmente concebido para pessoas de ouvido duro a colocar numa dependência da igreja, directamente ligada a ela. Na colocação dos confessionários atender à discreção do local e à existência de espaços suficientes para que os fiéis que esperam a sua vez possam estar convenientemente distanciados e sem atropelos (18). Ao projectá-los, atender à comodidade do confessor e dos penitentes.

Baptistério

41. — A localização do BAPTISTÉRIO, à entrada da igreja, deve permitir a sucessão das cerimónias litúrgicas do baptismo: 1.º, no vestíbulo (fora de portas); 2.º, dentro da igreja; 3.º, na fonte baptismal; 4.º, finalmente, na igreja. Convém que tenha acesso fácil ao cartório onde se faz o registo dos bapizados.

42. — Convém que o bapistério fique do mesmo lado da sacristia de onde sai o celebrante para a missa paroquial do domingo, precedida da cerimónia do «Asperges». Desta forma, o celebrante poderá dirigir-se directamente da sacristia para as fontes bapismais onde tomará a água benta da caldeirinha aí guardada, dirigindo-se seguidamente para o altar pela coxia central, aspergindo os fiéis, voltados a princípio para as fontes baptismais (conforme sugere o «Vidi aquam» do Tempo Pascal). Assim se põe em relevo o sgnificado do «Asperges».

43 — A PIA BAPTISMAL deve ser de pedra natural, quìmicamente resistente à água salgada. Estará dividida em duas partes, uma para conter a água lustral e a outra para receber a água infundida no acto do baptismo. Esta última terá sumidouro para a tera. A pia bapismal será conveniene e dignamene coberta com uma tampa metálica articulada.

44. — Em local bem visível de quem olha através das grades do baptistério, ficará o pequeno armário que contém os santos óleos, o sal benzido e o ritual. Este armário, de preferência encastrado na parede, terá portas de vidro ou então gradeadas, de modo a deixar ver o que nele se contém. Será de material e forma que ponham em relevo a dignidade das matérias e objectos usados no baptismo.

---

(18) — Sugere-se que, pelo menos alguns confessionários, se coloquem nas pequenas capelas dos altares secundários (Cf. n.º 32). Nestas capelas, de eixo paralelo ao da igreja, o altar ficaria paralelo ao altar-mor, encostado à parede da frente, e, na parede oposta, ficaria o confessionário. Os bancos para a assistência às missas privadas serviriam para as pessoas que esperam a vez de se confessarem. O ambiente recolhido e discreto destas pequenas capelas é o que mais convém para localizar os confessionários.

45. — Prever, ao lado da pia baptismal, um lugar de honra para o círio pascal que evocará, ao longo do ano, a noite baptismal de Sábado Santo, e à luz do qual as velas de cada baptizado serão acesas.

46. — Junto às grades, prever um lugar para colocar a caldeirinha de água benta (água benzida com o mesmo sal dos baptismos) que serve para a aspersão dos fiéis nas missas dos domingos, conforme se descreve no n.º 42.

47. — Em lugar junto às grades, prever uma estante para colocar o Livro de Ouro da Comunidade Paroquial (duplicado resumido do livro de assentos dos baptizados), aberto no último baptismo.

48. — No tratamento do baptistério não esquecer que é o anexo mais importante da igreja, viso que nele se adminisra o primeiro dos sacramenos. Sem prejuízo do disposto no n.º 56, sugere-se para a sua decoração o tema da Sepultura e Ressurreição de Cristo, inspirado na teologia baptismal de São Paulo na Epístola aos Romanos, cap. VI (19).

Capela-santuário de Nossa Senhora

49. — Ligada à igreja mas com acesso independente, haverá uma CAPELA-SANTUÁRIO, destinado ao culto mais popular de Nossa Senhora de Fátima (ou da Sagrada Família). Nela se celebrarão habitualmente os casamentos. Terá um altar e capacidade para cerca de 100 pessoas (cerca de 80 m.² de área).

50. — A comunicação com o adro deve ser estudada de modo a evitar que os cortejos nupciais e as aglomerações de convidados à entrada e à saída impeçam a livre circulação dos fiéis que entram ou saiem da igreja. Ter em conta que à saída dos casamentos é costume tirarem-se fotografias. Atender, quanto possível, à organização do cortejo de automóveis e às dificuldades de estacionamento e trânsito.

51. — Esta capela terá, quanto possível, comunicação com a sacristia. Convém que tenha comunicação fácil com o cartório sem passagem pela igreja nem pela sacristia. No caso de não ser possível estabelecer esta comunicação, prever um pequeno gabinete anexo para os assentos dos casamentos.

Capela mortuária

52. — Haverá uma CAPELA MORTUÁRIA para depósito de defuntos e celebração de missas de corpo presente. Deverá permitir dois depósitos simultâneos em câmaras ardentes capazes de conterem a essa e respectivamente 10 e 30 pessoas, còmodamente sentadas. As duas câmaras devem estar convenienemne separadas. O altar poderá ser comum ou haver um altar em cada câmara.

53. — As duas câmaras devem dar para uma galeria de acesso ao exterior, suficientemente ampla para atender aos ajuntamentos costumados por ocasião dos fune-

---

(19) — Neste caso, sugere-se que a pia baptismal, à semelhança de alguns baptistérios antigos, fique assente em nível mais baixo que o pavimento da igreja, acessível por alguns degraus, evocando assim as antigas piscinas do tempo do baptismo por imersão (forma de baptizar que sugeriu a S. Paulo a referida teologia).

rais. As portas de passagem deverão ter as dimensões convenienes para o trânsito dos caixões. Devem estar situadas de modo a permitir que possam assistir da galeria, às missas de corpo presente, as pessoas que não couberem nas câmaras. Em local acessível prever instalações sanitárias.

54. — A comunicação com a rua deve ser, quanto possível, independente dos outros acessos. Devem evitar-se, se possível, as escadas e tudo quanto dificulte a passagem dos caixões.

55. — Inspirar a decoração nos dogmas do Juízo Particular, do Purgatório ou da Ressurreição, dando-lhe o tom dominante da Esperança cristã.

Decoração

56. — A DECORAÇÃO DA IGREJA e das suas dependências de natureza sacra deverá obedecer a um programa unitário teològicamente bem fundamentado. Para isso o arquitecto não deixará de consultar um teólogo competente em matéria de iconografia, e escolherá, de acordo com a autoridade eclesiástica, os artistas plásticos, cujo trabalho coordenará e doseará tendo em atenção as limitações indicadas no n.º 9.

Iluminação, acústica, arejamento, isolamento

57. — A ILUMINAÇÃO natural, além da função arquitectónica de valorizar os volumes e criar ambientes, será suficiente para permitir a leitura em dias de luminosidade normal. A iluminação artificial, de grande importância, dada a frequência das funções litúrgicas vespertinas e nocturnas, não pode limitar-se a uma vaga e dispendiosa luz indirecta, criadora de ambiente pretensamene místico, mas deve garantir aos fiéis a leitura fácil de seus livros (50 lux como média na área destinada aos fiéis).

58. — Garantir, com o estudo dos volumes, dos materiais e da INSTALAÇÃO SONORA, que as condições acústicas permitam ouvir dintintamente as palavras do prègador em todos os sítios onde possa haver fiéis.

59. — O AREJAMENTO natural, regulável, sem correntes de ar incómodas, deve permitir uma suficiente renovação do ar, mesmo quando a igreja se enche repetidamente nos dias de maior afluência. A entrada prever um sistema de guarda-ventos.

60. — Embora as ruas Camilo Castelo Branco e de Santa Marta sejam de fraco movimento de automóveis, as ruas próximas (Alexandre Herculano e Conde de Redondo) são muito ruidosas por terem grande movimento e serem de grande declive, pelo que há a necessidade de isolar a igreja dos ruídos exteriores, quer pela escolha dos materiais quer por artifícios de construção. Na escolha de tipos de pavimento, evitar os que produzam ruídos com o andar e os que sejam demasiados frios.

Campanário

61.— Para colocação dos sinos, prever uma TORRE SINEIRA ou estrutura equivalente, ligada ou não à igreja. No caso de não ter acesso fácil há que prever um comando eléctrico para o toque dos sinos.

Sacristias

62. — No mesmo piso da igreja e junto do santuário ficará a SACRISTIA DO CLERO para a paramentação dos ministros sagrados e acólitos. Esta sacristia deve estar situada de modo que tenha acesso directamente para a igreja, dando para uma coxia ou passagem lateral (para a entrada processional nos ofícios solenes, conforme se descreve no n.º 42, cf. número 17). Convém que haja também um outro acesso discreto directamente para o santuário, e ainda acesos fáceis para o cartório e para o exterior. Esta sacristia é reservada ao clero e sacristãos. Os fiéis terão acesso aos diversos serviços sem terem de passar por ela.

63. — As dimensões desta sacristia bem como a disposição das portas e janelas serão calculadas de forma a que nela se contenham: a) um arcaz com gavetões com 1,00 m. de alto, 0,80 m. de largo e 5,00 m. de comprimento (na alternativa de dois arcazes, um com 3,00 m. de comprimento para a paramentação dos ofícios solenes e outro igual ou um pouco menor para a das missas privadas); b) um armário para os paramentos, com 3,00 × 0,80 e 2,00 m. de alto (na alternativa de dois com capacidade equivalente); c) um armário-cofre, de preferência encastrado na parede, para guardar os cálices e objectos de valor que andem a uso (com uma capacidade de cerca de 1/4 de m.³); d) os «lavabos» com as respectivas toalhas para as abluções rituais «ante missam» e «post missam» (com escoante para a terra) e) suporte para a cruz processional e 6 tochas. Convém que, anexos à sacrisia, haja um pequeno vestiário, instalações sanitárias e um cubículo ventilado para acender e guardar o turíbulo. Contar também, nesa sacrisia ou noutra, com local para arranjo das flores.

64. — Haverá uma segunda SACRISTIA PARA AS IRMANDADES E MENINOS DE CORO ligada directamente com a primeira sacristia, mas com acesso independente para a igreja. Poderá ficar eventualmente noutro piso. Contar com um ou vários armários amplos. A área deverá ser da ordem dos 40 m.².

65. — Haverá ainda um compartimento para ARRUMAÇÕES de material mais pesado e de uso menos frequente. Se ficar em piso diferente, prever acesso suficientemente amplo e suave para poderem passar peças grandes (pálio, andores, etc.). Aqui, ou em lugar conveniente, prever um cubículo para arrecadação do material de limpeza da igreja.

Cartório

66. — Numa zona central, comunicando com o cartório paroquial e com fácil acesso para a rua, igreja, sacristia e centro paroquial, ficará o GABINETE DO PÁROCO, com cerca de 15 m.² de área e com uma porta envidraçada, dando para o átrio ou largo corredor de passagem ou de espera.

67. — Perto deste ficará o GABINETE DOS COADJUTORES com características semelhantes.

68. — No mesmo conjunto ficará o CARTÓRIO PAROQUIAL destinado aos serviços de secretaria e arquivo paroquial, com uma área de 20 m². Deve ter comunicação directa com os gabinetes do pároco e dos coadjutores e acesso fácil para a rua, igreja e centro paroquial.

69. — Haverá ainda uma segunda sala para o SECRETARIADO PAROQUIAL (serviço do ficheiro paroquial) com uma área de cerca de 12 m².

70. — Nalgum destes compartimentos ou perto deles, incluir uma pequena casa forte para guarda de documentos e objectos de valor (em local seco).

71. — Prever as instalações sanitárias convenientes.

III — CENTRO PAROQUIAL

72. — O CENTRO PAROQUIAL — é o complemento lógico da igreja paroquial e fará com ela uma unidade que traduza a natureza única do duplo mandamento do Amor de Deus e da Caridade fraterna. Na igreja-templo, a comundidade paroquial entra em contacto com Deus num ambiente pròpriamente sagrado. No Centro Paroquial, essa comunidade toma consciência da sua própria existência como comunidade cristã cujos membros se edificam mùtuamente pelo exercício da Caridade fraterna e realizam comunitàriamente a obra de evangelização e cristianização do mundo. Assim, o Centro Paroquial,

a) — como casa da família paroquial, será acolhedor, simpático e alegre, e disporá dos recintos e instalações que permitam os encontros frequentes, fáceis e agradáveis dos paroquianos entre si num ambiente familiar;

b) — como centro de formação cristã, terá salão e salas para sessões culturais, instrução catequética e escola, biblioteca e centro de informações;

c) — como centro de irradiação missionária, compreenderá as sedes das obras, associações e movimentos de apostolado;

d) — como centro de irradiação da caridade, terá as instalações necessárias para os serviços médicos, sociais, de beneficência e outros.

73. — O Centro Paroquial deverá caracterizar-se:

a) — pela unidade, garantida pela perfeita integração de todas as instalações, mesmo das que se destinam a serviços de assistência e beneficência: os beneficiários destes serviços devem sentir-se também membros da comunidade paroquial;

b) — pelo poder de adaptação à possível evolução do programa de acção paroquial, convindo portanto que a estrutura das construções permita remover ou elevar paredes divisórias de forma a ampliar ou multiplicar as salas.

74. — As instalações a prever no projecto deverão obedecer, quanto possível, às características e condicionamentos indicados nos números seguintes.

75. — Uma ZONA CENTRAL DE ACOLHIMENTO que seja, por assim dizer, a sala de estar do lar paroquial, constituída por um recinto ao ar livre (pátio, jardim ou claustro) e uma sala de chá para pequenos almoços individuais, copos de água de casamentos, ágapes por ocasião de festas de Comunhão, etc. A sala de chá deverá ter um corpo, com cerca de 1/3 da área total, fácil de isolar do conjunto. Anexa haverá uma pequena cozinha e dispensa. No conjunto, a área total coberta deverá ser da ordem dos 120 m².

76. — Uma grande SALÃO para festas, sessões solenes, conferências, representações teatrais e projecção de filmes, com capacidade para cerca de 600 pessoas

sentadas e mais umas 400 de pé no caso de enchente. Terá um palco simples, com pequenos camarins, cabine para máquina de projecção, instalação sonora e boas condições acústicas e de arejamento. Deverá obedecer às normas da Inspecção Geral dos Espectáculos para salas deste género. Terá acesso amplo e directo para a rua, e acesso fácil à zona central do número 75 para que lhe possa servir de «foyer».

77. — Dez a doze pequenas SALAS PARA CATEQUESE, cada uma delas suficiente para conter uma catequista e uma dúzia de crianças sentadas em pequenos bancos (cada com uma área de 5 a 6 m²). Prever paredes para colocação de quadros e projecção de filmes fixos. Devem ter acesso para um pátio de recreio ou lugar desafogado. Este pátio não deve ser o do número 75, mas pode ser comum com o das escolas (número 80).

78. — Uma sala para as CATEQUISTAS e para guardar o material didático (área de cerca de 16 m²), ficando próximo das salas do número anterior.

79. — Várias SALAS para sedes de organismos e associações paroquiais, convindo uma certa separação de sexos e acessos fáceis para o exterior:

a) — Para organismos masculinos,

4 SALAS GRANDES (25 a 50 m²) respectivamente: 1 para reuniões de cerca de 50 pessoas, 1 para jogos, 1 para sede de escoteiros e lobitos, 1 para oficina de trabalhos manuais;

3 SALAS PEQUENAS (10 a 15 m²) para sedes de vários organismos.

b) — Para organismos femininos,

4 SALAS GRANDES (25 a 50 m²) respectivamente: 2 para reuniões de cerca de 50 pessoas, 1 para jogos e 1 para sala de costura;

4 SALAS PEQUENAS (10 a 20 m²) para sedes de vários organismos.

80. — Uma BIBLIOTECA com sala de leitura (cerca de 20 m²), convindo que não fique longe da entrada para facilitar o empréstimo de livros aos fiéis que frequentam a igreja. Se possível, deve ter comunicação com o cubículo do número 12.

81. — Duas SALAS DE AULA para turmas de 35-40 crianças de escola primária, tendo anexas uma pequena galeria para colocar os agasalhos e as instalações sanitárias. A área do conjunto deve ser da ordem dos 100 m². Estas salas devem dar para um pátio de recreio com um telheiro. (Cf. número 77).

82. — Um POSTO MÉDICO com duas salas de espera, sala de consulta para adultos, sala de consulta para crianças, duas salas para tratamentos, um cubículo para raios X, dois gabinetes para o médico e enfermeiras, alguns cubículos para arrumações e instalações sanitárias. (Área total da ordem dos 125 m²).

83. — Um CENTRO DE SERVIÇO SOCIAL com um pequeno gabinete para a assistente, uma sala (16 m²) para trabalho em équipe e arquivo, uma sala de espera e 3 pequeninas salas para recepção (área total da ordem dos 50 m²).

84. — Prever as instalações complementares necessárias a todo este conjunto (sanitárias, cabines telefónicas, quadro elécrico, etc.).

IV — RESIDÊNCIAS

85. — Separada, mas perto da igreja, ficará a RESIDÊNCIA PARA O PÁROCO E COADJUTORES com o seguinte programa (área total da ordem dos 180 m²): sala de visitas e jantar (30 m²); cozinha, dispensa e lavadouro (15 m²); 5 quartos para o pároco, coadjutores e hóspedes (75 m²); em zona separada, 2 quartos para a governanta e criada (25 m²); inst. sanitárias.

86. — Com os condicionamentos indicados no número anterior, haverá duas RESIDÊNCIAS PARA EMPREGADOS DA IGREJA com o seguinte programa (área total das duas da ordem dos 170 m²): 3 quartos de cama; sala, jantar e cozinha; instalações sanitárias (em cada uma).

87. — Prever uma GARAGEM para três carros ligeiros.

O PONTIFÍCIO INSTITUTO PASTORAL DE ROMA

Artigo de «L'Osservatore Romano», de 11 de Setembro de 1957, transcrito do número de Outubro da Revista «SURGE».

A fundação do «Pontificium Institutum Pastorale» é novo mérito inscrito no livro de ouro do Pontificado de Pio XII, tão cheio já de magníficas intervenções de Magistério e de iniciativas ao serviço da Igreja e das almas, e resposta às mais vivas exigências do nosso tempo. É um aspecto — e não dos menos — importantes daquela «sollicitudo omnium Ecclesiarum» própria dos Romanos Pontífices.

A necessidade de um instituto que se dedicasse de modo especial à preparação dos jovens sacerdotes para o ministério pastoral desde há muito se fazia sentir por toda a parte, mas de maneira particular em Roma, onde o amplo e complexo crescimeno da cidade e a confluência de gentes de todos os países sempre originaram novas exigências de trabalho apostólico aos sacerdotes seculares e religiosos, ao mesmo tempo que proporcionam campo para interessantes e proveitosas experiências, com o privilégio, único no mundo, da vigilância imediata da Autoridade suprema da Igreja.

Como indica o o documento a que fazemos referência, o Sumo Pontífice por várias vezes tinha dado já próvidas normas para uma conveniente preparação e formação pastoral do clero, particularmente no *Moto Proprio* «Quandoquidem» (2 de Abril de 1949), na exortação «Menti Nostrae» (23 de Setembro de 1950) e ùltimamente na Constituição «Sedes Sapientiae» (31 de Maio de 1956).

Neste último documento, particularmente amplo, denso e taxativo, o Sumo Pontífice, depois de ter dado altos e sábios ensinamentos sobre a vida religiosa e a formação daqueles que nela ingressam para a santificação própria e para o apostolado, acrescentava a recomendação de que se cuidasse particularmente da preparação dos jovens religiosos, ordenados sacerdotes, para a vida pastoral. Essa paterna exortação, como as demais do mesmo Augusto Pontífice e da Santa Sé, pode aplicar-se também ao problema dos sacerdotes jovens do clero secular, para os quais a Santa Sé sublinhou também já muitas vezes — como dissémos — a necessidade de uma formação esmerada para o ministério pastoral.

...Destes documentos do Santo Padre Pio XII deduzem-se algumas exigências fundamentais a satisfazer em ordem a uma preparação para o ministério pastoral, a saber: a) conveniente ordenação dos estudos filosóficos e teológicos para a acção pastoral; b) formação em questões psicológicas e pedagógicas, didácticas e catequísticas, sociais e pastorais e afins no campo da cultura e da acção; c) exercícios práticos, realizados gradualmente sob uma sábia direcção antes e depois da Ordenação.

Para corresponder a estas exigências foram surgindo já em diferentes lugares institutos especiais com o fim de preparar quer para o ministério paroquial quer para

aquelas formas de apostolado especializado, que cada vez mais se impõem como complemento necessário da vida paroquial. Exigência mais profunda e sentida ainda é porém a da preparação de homens competentes para o ensino de Teologia Pastoral nos Seminários e nos Institutos Religiosos e para guiar os alunos nos exercícios de que fala a constituição «Sedes Sapientiae» ao escrever: «peritissimis viris sive doctrina sive consilio et exemplo moderantibus».

...Estas iniciativas diversas deviam encontrar-se num terreno comum, melhor ainda, unificar-se com a adesão também da Sagrada Congregação do Concílio, particularmente interessada na actividade catequística, e do Vicariato de Roma, de tal modo que o actual «Pontificium Institutum Pastorale», erigido com a suprema aprovação do Sumo Pontífice Pio XII, ao mesmo tempo que corresponde às diversas partes interessadas, exprime também o espírito unitário com que se trabalhou na sua preparação e em que desenvolverá a sua actividade.

Os fins que o Instituto se propõe podem assim resumir-se: sobre a base de uma «Teologia Pastoral» bem desenvolvida e tratada em nível científico, com referência aos temas fundamentais da economia da salvação, por um lado, das necessidades do mundo contemporâneo, da contribuição das ciências, das experiências que se vão adquirindo na vida pastoral e no apostolado da Igreja, por outro: a) formar professores de Teologia Pastoral e das matérias auxiliares para os Seminários e centros Religiosos de estudo e outros Institutos eclesiásticos, particularmente para o V ano de Teologia nos Seminários ou para cursos análogos, consagrados à habilitação pastoral e para os cursos especiais de pastoral nos Estudantados religiosos, segundo a norma da Constituição «Sedes Sapientiae»; b) formar científica e pràticamente sacerdotes, seculares ou regulares, especializados nas diversas formas de vida pastoral, e particularmente naquelas formas de apostolado moderno que requerem maior ciência teológica e preparação cultural e técnica.

Para corresponder a tal finalidade, o Instituto, que depende de um Conselho Directivo especial sob a vigilância das Sagradas Congregações competentes, promove um duplo tipo de cursos conforme se trate da conveniente formação de professores de Teologia Pastoral (curso bienal) ou da introdução prática à vida pastoral (curso anual).

No curso bienal, o primeiro ano é consagrado a uma formação-base, que comprende as seguintes matérias:

Matérias Teológicas: Os grandes temas bíblicos da salvação. Doutrina pastoral dos Padres da Igreja. Doutrina e legislação pastoral da Igreja (latina). Teologia da salvação. Questões actuais de Teologia Moral. Teologia Ascética e Mística aplicada ao ministério pastoral.

Matérias Históricas: História da vida pastoral e da evangelização cristã. História do governo da organização da Igreja. História da caridade e da assistência social na Igreja.

Matérias Subsidiárias: Noções gerais de catequética. Pastoral litúrgica. Pedagogia geral. Psicologia pastoral. Oratória sagrada e várias formas de prègação. Direcção espiritual. Sociologia religiosa. Estatística. Demografia. Medicina e Psiquiatria Pastoral. Noções de Caracteriologia e Biotipologia. Noções de Economia e Ciências Sociais. Noções de Administração Eclesiástica e Religiosa.

O segundo ano é consagrado, pelo contrário, às diferentes especializações, sendo quatro as previstas: *Especialização catequística; Especialização em Missões populares; Especialização em Acção Católica e afins; Especialização em apostolado da Imprensa e outros meios de expressão.*

O curso anual desenvolver-se-á, de maneira mais reduzida, segundo os mesmos critérios.

As aulas são dadas de manhã, de segunda a sexta-feira, de maneira a que os alunos possam, sob a direcção de sacerdotes experimentados, dedicar-se ao ministério durante o sábado e o domingo, e ocupar as horas da tarde ou no estudo privado, ou assistindo a cursos de actualização, ou ainda com cursos especiais promovidos pelos institutos a que pertencem, consoante as suas exigências particulares.

O próprio Instituto Pastoral promove cursos de actualização sobre os principais problemas da cultura e da vida moderna.

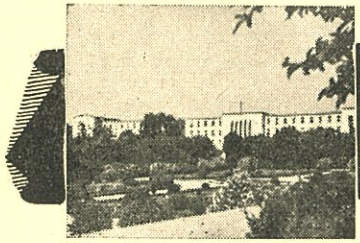
Cuida também da realização de exercícios práticos, sob a direcção de mestres competentes.

Deste modo a orientação escolar do Instituto é a um tempo científica e prática e tende à formação de hábeis mestres e artífices do apostolado sacerdotal, segundo as exigências do momento presente.

Terminado o curso anual, e feitos com aproveitamento os exames, os alunos recebem um diploma de habilitação pastoral.

Terminado o curso bienal, os alunos que tenham obtido aproveitamento em todos os exames e realizado todas as provas prescritas, podem alcançar o diploma de habilitação para o ensino de Teologia Pastoral.

O programa que o Instituto seguirá no ano académico de 1957-1958 é o seguinte: a) *Formação geral Teológico-pastoral:* Os grandes temas bíblicos da salvação. Fundamentos teológicos da vida pastoral. Documentos e legislação da Igreja sobre a vida pastoral. Questões actuais de Teologia Moral. História da vida pastoral e do apostolado. Pastoral Sacramental. Liturgia pastoral. b) *Matérias Subsidiárias:* Pedagogia geral aplicada à vida pastoral. Metodologia catequística. Psicologia pastoral, especialmente na direcção espiritual e nas confissões. A oratória sagrada e sua adaptação ao mundo moderno. Metodologia dos Exercícios espirituais e das Missões Populares. A Acção Católica e movimento afins. Os Institutos seculares. Noções de Caracteriologia e Biotipologia. Medicina e Psiquiatria Pastoral. Noções de Economia e Ciências Sociais. Sociologia Religiosa. Noções de administração eclesiástica e religiosa. c) *Cursos de actualidade cultural e pastoral:* Problemas da apologética moderna. Problemas da filosofia moderna. Os grandes temas religiosos da literatura contemporânea. Ciências e fé no mundo actual. Actuais problemas político-sociais no mundo contemporâneo. O movimento ecuménico e o estado das Igrejas Orientais e das Confissões Protestantes. Problemas actuais da prègação e do apostolado. Os meios de difusão no mundo actual. b) *Exercícios práticos:* Várias formas de apostolado paroquial. Declamação e Eloquência sagrada. Experiências de Estatística religiosa. Experiências pastorais modernas. Técnica da aproximação individual e da consulta psicológica. Uso dos meios modernos de difusão para o apostolado. Experiências apostólicas nos diferentes ambientes.



CRÓNICA

Tudo este ano é original. Também o Natal foi diferente. É aliás próprio do homem, que pela sua natureza espiritual integra o tempo e os acontecimentos que ele encerra, revestir de uma vivência nova as festas que aparentemente se repetem. Não admira, pois, que o Natal fosse diferente, uma vez que os homens são este ano também diferentes. Mas para nós, revestiu-se ele duma característica muito peculiar: foi excepcionalmente passado em casa.

Dezembro ainda em princípios e já pelas galerias e corredores se trauteavam melodias «natalícias». Esta quadra do Natal, enriquecida pela sensibilidade de tantos séculos, é das que fazem vibrar todas as fibras dos seres que sentem. Desde as crianças da catequese que saltavam de alegria ao ouvirem falar do Menino Jesus, do concurso de presépios, etc., até aos pobrezinhos das barracas que nos rodeiam, que contavam ansiosos os dias que faltavam para a grande festa, todos começavam já a viver o ambiente da «Noite Santa» em que se comemora o nascimento de Jesus. Crianças e adultos, pobres e ricos, sábios e ignorantes, crentes e descrentes, para todos o nascimento de Cristo é, consciente ou inconscientemente motivo de alegria.

O Natal estava assim a ser preparado com louvável antecedência. Mas eis que o virus de uma «asiática» quase nacionalizada, principiou com êxito a prostrar-nos quase em série. As actividades escolares terminaram na desolação, pois que os escassos elementos da resistência que pacientemente iam constituindo o auditório das últimas lições, sucumbiam a pouco e pouco. Na enfermaria as camas ficaram em pouco temo esgotadas, o que trouxe à circunstância um cunho de muita originalidade. Isto mostra que nós somos solidários até na doença. Foi, de facto, o que se pode chamar uma «epidemia comunitária». Enquanto o enfermeiro corria açodado, distribuindo injecções à esquerda e à direita, o público enfermo passava horas verdadeiramente divertidas. Chegou por fim a decisão final: — devido a efeitos de gripe, a comunidade ia antecipar as suas férias, adiando para inícios de Janeiro os exames trimestrais.

Nunca acreditei tanto no poder da sugestão! Como por maravilha as temperaturas baixavam, as dores de cabeça desapareciam. Graças aos recentes cursos de «auxílio social», a «evacuação de emergência» fez-se na maior ordem e com notável rapidez.

Esta inesperada partida para férias revolucionou ideias, transformou planos. Foram as festas de catequese que permaneceram suavemente no campo dos possíveis, enquanto a direcção da academia dos filósofos, a quem estava entregue a organização do presépio, respirou fundo e com razão. Devido a esta surpresa da gripe, fomos celebrar a casa, — coisa insólita para os seminaristas dos Olivais, — a consoada do Natal.

Para encerrar o período e preparar os espíritos para os possíveis exames, tivemos, no dia nove de Dezembro, um passeio ao Seminário dos Franciscanos e à quinta dos Seminaristas «Inglesinhos». Vindos por caminhos diversos, chegámos todos ao seminário da Luz pelo meio-dia e meia hora. Depois da visita à quinta e do almoço no campo, seguimos para a cerca dos nossos aliados ingleses, para assistirmos ao encontro de futebol, «Portugal-nglaterra». Foi característico este jogo bilingue, entre rapazes unidos simplesmente pelo ideal. A nossa equipa deu a entender claramente que estava fora de casa. No entanto o resultado de 4-1 a

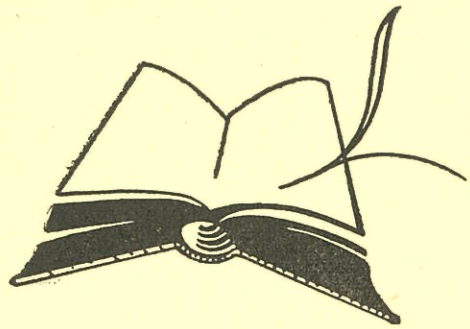
nosso favor, mostrou mais uma vez a galhardia e eficiência com que os nossos responderam ao jogo pensado e bem construído dos nossos estimados rivais. Uma merenda para refazer dos cansaços do jogo, encerrou esta tarde de confraternização.

Por esta altura também, teve lugar o encerramento dos cursos de Defesa Civil do Território, respectivamente «primeiros socorros» e «auxílio social». Cheios de utilidade prática, agradaram sobretudo pela maneira como foram dados. Na sessão de encerramento foi-nos passado um filme que nos mostrou ao vivo a aplicação da teoria de «primeiros socorros».

Na Academia de Santo António, as sessões de estudos têm-se sucedido com ritmo mais ou menos compassado. Depois de o Fernando Micael nos ter dito de uma experiência de sociologia pastoral, levada a efeito durante as últimas férias, num concelho da diocese de Aveiro, o João de Almeida levou-nos, por meio de fotografias coloridas, a viajar através da Europa dos artistas. Numa primeira reunião foi o Norte de Itália que constituiu o nosso itinerário, fazendo em Veneza uma paragem longa. Além de algumas fotografias de paisagem para nos enquadrar no ambiente naturalmente belo, vimos muitas Igrejas e monumentos, entre os quais a célebre catedral de S. Marcos. Numa segunda reunião, a viagem foi mais longa, através da Alemanha, França e Suiça, visitámos e admirámos tão sòmente as Igrejas modernas. Começando pelas do grande arquitecto Schwartz, na Alemanha, um dos pilares da moderna arquitectura religiosa, passámos às de Baur, na Suiça, indo culminar na obra-prima de Le Corbusier, a capela de Ronchamp.

E agora, refeitos já da tão incómoda gripe, preparamo-nos para encetar o segundo período pela conclusão do primeiro: os pontos trimestrais.

J. POLICARPO



Livros novos

«A FÉ CATÓLICA» (1)

G. Rabeau, R. Aigrain, M. Hondard, E. Borne, E. Rolland

Hoje, talvez mais do que nunca, o homem precisa de consciencializar-se das suas relações com Deus.

Deus revelou-se ao homem duma maneira pessoal. E esta comunicação de Deus exige uma resposta — a Fé, que não é mais do que «o encontro de Deus com o homem». Encontro que tem a iniciativa da parte de Deus: «ninguém vem a mim, diz Jesus, a não ser que o Pai o chame primeiro».

Mas esta iniciativa de Deus não tira a liberdade e actividade ao homem. A resposta deve ser total, com toda a inteligência, vontade e sentimentos, embora baseada na autoridade do próprio Deus. Pela razão pode verificar a origem da mensagem revelada, a sua credibilidade, antes ou quando já tem Fé, pelos critérios objectivos, isto é, pelas profecias, milagres e outros factos divinos.

Para aderir à divina revelação é necessário que a vontade intervenha, excluindo os motivos de dúvida, e procurando as disposições morais para entender e interpretar as verdades nela contidas. O acto de Fé não é um mero assentimento a conculsões deduzidas de premissas verdadeiras, mas «é a submissão à autoridade de Deus, uma verdadeira homenagem de submissão em que se empenha o homem todo». Para acreditar é necessário que o homem esteja bem disposto e sinta a exigência interior de Deus e a ela responda.

Mas não basta. Mesmo supostos o conhecimento das verdades reveladas, a vontade e as disposições morais necessárias, é preciso que Deus ajude o homem a vencer os obstáculos com a graça medicinal e que, com a graça elevante, o conduza ao nível sobrenatural onde se dão as revelações com Deus.

A acuidade destes problemas justifica, e exige mesmo, a tradução da obra «Nos raisons de croire — Responses aux objections» (vol. de 1.388 págs.), dirigida por M. Maurice Brilhant e Abbé Nédorccelle, com o concurso de Copens, professor da Universidade de Hovaina, que as Edições Paulistas vão publiccar em pequenos volumes e onde eles são tratados proficientemente.

O volume «A Fé Católica» (1.º) na primeira parte trata da possibilidade e conteúdo da Apologética e suas relações com o acto de Fé.

Depois, expõe algumas dificuldades e objecções que impedem o assentimento à Revelação já conhecida.

Na terceira parte fala da noção de Revelação, relações entre a natureza e sobrenatural, expondo alguns sistemas filosóficos fechados a esta realidade e as razões porque deviam ser abertos.

M. F.

(1) «Colecção Apologética». Edições Paulistas.



M. d'Oliveira & Marques, L.da

Praça dos Restauradores, 13

TELEF. 30876 – 366972 – LISBOA

SECÇÃO DOS TECIDOS PRETOS R.M.

Tecidos para o Rev.º Clero e seminaristas.

◆

Elasticotines — Sarjas — Tropicais — Casemiras — Merinos Sobretudos

◆

Alfaiataria—Capas—Gabardines

◆

Condições especiais para Finalistas

SECÇÃO DE LIVRARIA

Livros estrangeiros - Edições próprias

◆

Revistas estrangeiras: Lumen Vitae Foyer Notre Dame—Famille et College—Ecclesia—Panorama Cretien, etc.

◆

Filmes fixos e de movimento: (Catequese—ensino—diversão)

◆

Máquina de escrever «Antares Micron»

◆

Máquinas de Projecção

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

AO CLERO

e demais educadores

Só a **Casa do Desporto** pode fornecer o competente material desportivo para Seminários, Colégios, Escolas e Catequeses com a qualidade e sortido necessários e com descontos especiais.

Tome nota para seu proveito:

CASA DESPORTO

Rua da Madalena, 196 **LISBOA**
Telefone 30606

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93-2.º
LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

Casa fundada em 1832

ESTABELECIMENTO: 166—Rua do Ouro—170 OFICINA: 17—R. S. Tiago—19

Fluido para iluminação

ELECTRICIDADE — ÁGUA — GÁS — AQUECIMENTO

AO SERVIÇO DO AUTOMOBILISTA

SACOR

A utilidade de um Posto de Abastecimentos não exclui o seu enquadramento nas belas e suaves paisagens da nossa terra

Assim pensa

A SACOR

